

CONTINUAM PARALISADAS AS FÁBRICAS DE LÃ

Totalmente falsas as notícias divulgadas pela "sadia" — Utilizaram-se os patrões do pelego Roberto Vaz para tentar o fracasso da greve — Eficiente atuação dos piquetes — Reunem-se os patrões amanhã



O secretário do Sindicato dos Textéis, sr. Josias Silva, quando desmascarava na assembleia permanente o golpe perpetrado pelos patrões através do pelego Roberto Vazda Costa.

Ao contrário do que foi amplamente divulgado pelos jornais a serviço dos patrões, não regressaram ao trabalho os operários das fábricas de lã. Apenas em duas empresas, Macará e Ideal, um reduzido grupo de trabalhadores, julgando que receberiam o prometido aumento de 15% sem assistência e 15 dias de abono de Natal. No entanto, o sr. Carlos Somo, proprietário da Macará e segundo a comissão de trabalhadores credenciado pelos patrões da lã para um entendimento, afirmou aos operários que compareceram ontem pela manhã à fábrica, que não havia acordo algum e apenas entendimentos e promessa de aumento. Diante disso, diversos tecelões regressaram ao Sindicato.

PELEGO E TRAIADOR
Sexta-feira à noite, o indivíduo Roberto Vaz da Costa, que ocupou a presidência do Sindicato durante oito anos, nada fazendo em benefício dos textéis, levou ao local da concentração dos grevistas a "comissão" da lã por ele formada, conseguindo envolver com suas manobras o tesoureiro do Sindicato, Marcelino Marques da Silva, que apresentou a "proposta" dos industriais da lã, alcançando também sua aprovação através do voto em separado, tendo

Reunião dos Marceneiros

Amanhã, segunda-feira, será realizada no Sindicato dos Marceneiros, uma grande reunião de representantes e comissões de fábricas, para medidas de esclarecimento e notificação de todos os operários a respeito do movimento pré-aumento de salários. Nas empresas onde ainda não há comissões organizadas, estão sendo convocados todos os trabalhadores para essa reunião eleitoral e seus delegados.

CÓDIGO DE CASTIGOS CONTRA O NOSSO POVO

O "veto" de Getúlio a um artigo da nova lei de segurança veio demonstrar ainda mais claramente o caráter terrorista desse instrumento — O art. 38 e o processo-farsa contra Prestes —

Foi divulgado ontem o texto do "veto" parcial que o sr. Getúlio Vargas opôs à nova lei de segurança. Já acentuamos o caráter cínico dessa medida, que não somente não tem nenhum valor, pois o texto da lei já havia sido publicado no "Diário Oficial", como mostra que para os atuais governantes as leis somente têm valor quando podem ser utilizadas imediatamente em função dos seus interesses de classe e de casta.

O caso é que o artigo 38 permite a anulação do processo contra Luiz Carlos Prestes, estabelecendo a extinção da punibilidade de todos os processos pelo decreto lei 431, de 1938, a denominada lei de segurança. Tendo os advogados de Prestes dado entrada numa petição nesse sentido, dirigida ao juiz da 3ª Vara Criminal, o promotor fascista Orlando Ribeiro de Castro imediatamente apelou para os generais fascistas, que intervieram e logo conseguiram do chefe de governo que a brecha fosse tapada, com um "veto" escandaloso e sem precedentes.

A mensagem de Vargas deixa entrever claramente que o artigo foi vetado porque beneficiaria os processados da antiga lei de segurança. «A lei de segurança elaborada pelo legislativo — diz ele — é de segurança nacional; não poderia sem menção expressa ir ao extremo de anistiar, sem quaisquer restrições, aqueles a que são imputados crimes contra essa mesma segurança nacional».

Com o seu sordido expediente, Vargas veio evidenciar ao mesmo tempo o caráter da nova lei. É um código de castigos contra o povo brasileiro, é uma lei contra os democratas e patriotas, é uma lei a serviço dos objetivos de guerra dos imperialistas norte-americanos no Brasil.

HERESIA JURÍDICA
Na segunda página publicamos uma entrevista do advogado Brizzu Mendonça, que anula vários aspectos da nova lei de segurança, classificando-a com justiça de heresia jurídica, excepcionalmente perigosa e concebida em termos duvidosos e capciosos.

Em Junho, na Dinamarca, O Congresso Mundial De Mulheres

(LEIA NA 2ª. Página)

Encontra-se na União Soviética, depois de haver participado do Congresso dos Povos pela Paz, em Viena, a atriz brasileira Maria Della Costa, que viaja em companhia de seu marido, o ator e empresário Sandro Polonio. Em entrevista à Emissora Central de Moscou, Maria della Costa declarou que era seu desejo estudar a experiência teatral dos artistas soviéticos a fim de aproveitá-la, no Brasil, na elaboração de uma arte nacional. A delegação brasileira, que é integrada pelo general Edgar Buxbaum, escritor Jorge Amado e a nova laureada do Prêmio Júlia Internacional da Paz, Elisa Branco, viajou para Leningrado. A foto de Maria della Costa foi tomada durante os trabalhos do Congresso de Viena.

Personalidades Representativas da Opinião Nacional

CONVOCAM O POVO AO COMÍCIO CONTRA O ACÔRDO MILITAR

Oficiais superiores das forças armadas, parlamentares, prefeitos, líderes operários, estudantis e femininas apelam a todos os patriotas: Os supremos interesses de nossa Pátria exigem que a concentração do dia 15, na Esplanada do Castelo, seja uma afirmação decisiva da repulsa do povo ao lesivo e humilhante tratado

Assinam o Manifesto

A propósito das grandes manifestações programadas para o próximo dia 15, quinta-feira, quando se realizará, às 18 horas, na Esplanada do Castelo, nesta capital, uma concentração, movendo contra a ratificação do Acôrdio Militar Brasil-Estados Unidos, acaba de ser lançado o seguinte MANIFESTO A NAÇÃO, assinado por algumas dezenas de oficiais superiores das forças armadas, parlamentares e figuras representativas da opinião pública:

«O Povo brasileiro conquistou importante vitória em sua luta contra a ratificação do «Acôrdio de Assistência Militar» proposto pelo governo dos Estados Unidos. Encerraram-se os trabalhos parlamentares de 1952 sem que fosse levada à votação na Câmara dos Deputados esse tratado de guerra e colonização.

Não devem, no entanto, os patriotas se deixar ludibriar com esse primeiro êxito, supondo estar ganha a batalha. No dia 15 de janeiro próximo voltará a funcionar a Câmara Federal, com o Acôrdio Militar na ordem do dia.

A vitória já obtida demonstra que é possível conquistar a rejeição dessa verdadeira ala de abdicação da soberania nacional. Mas, para isto, é necessária a união de todos os que desejam a paz, o progresso e a independência nacional, e que constituem a esmagadora maioria dos brasileiros. A campanha está em seu início, e a luta é árdua, pois os inimigos tudo fazem para conseguir a ratificação do Acôrdio.

Em nome da honra e da dignidade nacional, em nome do sagrado amor à Pátria, em defesa dos mais profundos sentimentos e aspirações de paz e de progresso do nosso povo, conclamamos a todos, mães e esposas, jovens e velhos, homens e mulheres de todas as condições sociais, de todas as tendências políticas e crenças religiosas, e todos os patriotas, enfim, para que cerrem fileiras na campanha contra o Acôrdio Militar. A todas as entidades cívicas, culturais, religiosas, políticas e outras, dirigimos o nosso apelo para que apoiem esta campanha. A vida de nossos jovens, nossas riquezas naturais e a própria soberania do Brasil estão em jogo.

A Pátria exige que se transforme no próximo dia 15 de janeiro, quando se reiniciará as sessões do Parlamento, em DIA NACIONAL CONTRA O ACÔRDO MILITAR e assinalar-se com a realização de manifestações em todo o país e, particularmente, na Capital da República, com a CONCENTRAÇÃO PATRIÓTICA, em praça pública, para a mais eloquente demonstração da vontade de progresso e independência do povo brasileiro.

A essa concentração Patriótica comparecerão personalidades de todo o Brasil. Os supremos interesses de nossa Pátria exigem que essa manifestação, por seu vulto, seja uma afirmação decisiva da repulsa do povo ao lesivo e humilhante tratado.

Outros povos latino-americanos ameaçados em seu progresso e sua soberania por tratados idênticos manifestaram contra ele firme oposição.

Cumpre aos patriotas, em todo o território nacional, dedicarem o máximo de seus esforços à preparação dessa grande concentração: palestras, atos públicos, comícios e passeatas devem ser realizados imediatamente, para esclarecer e mobilizar a todos os brasileiros. Da ampliação da campanha vai depender a vitória final.

É esse o apelo que fazemos. Estamos vivendo horas cruciais, e de nossos esforços, neste momento, muito depende o futuro da Pátria.

Façamos soar bem alto em todos os recantos do país, a nossa resposta aqueles que nos querem impor o Acôrdio Militar: «NÃO ACEITAMOS PORQUE SOMOS BRASILEIROS».

Em marcha, portanto, com entusiasmo, decisão e confiança para o Dia Nacional Contra o Acôrdio Militar.

Rio de Janeiro, Janeiro de 1952»

EM MARCHA PARA O DIA NACIONAL DE PROTESTO

Realização de vários atos públicos contra o Acôrdio Militar — Hoje, conferências em Campo Grande e Caxias — Falarão o cel. Sá e Beneditos e o químico Nissim Castiel — Mesa-redonda dos jovens na ABI

A Comissão Nacional Contra o Acôrdio Militar Brasil-Estados Unidos programou os seguintes atos públicos de repúdio ao infame pacto de guerra e colonização:

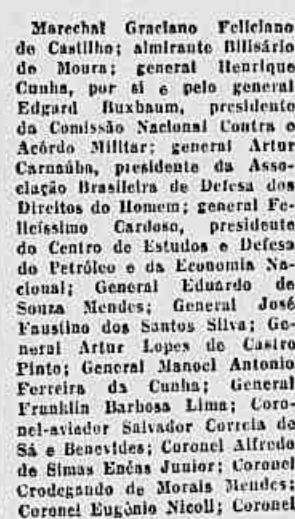
Atriz Brasileira na URSS



HOJE, DIA 11 — As 20 horas, na Sala do Conselho da A.B.I., 7.º andar, ato público promovido pela Comissão Juvenil Contra o Acôrdio Militar e a Conferência Nacional de Defesa dos Direitos da Juventude. Estarão presentes destacadas personalidades, além de líderes estudantis.

DIA 13, TERÇA-FEIRA — Ato público na Sala do Conselho da A.B.I., 7.º andar, ato público promovido pela Comissão Juvenil Contra o Acôrdio Militar e a Conferência Nacional de Defesa dos Direitos da Juventude. Estarão presentes destacadas personalidades, além de líderes estudantis.

DIA 15, QUINTA-FEIRA — Ato público na Sala do Conselho da A.B.I., 7.º andar, por iniciativa de um grupo de patriotas residentes em Ipanema, Leblon, Gavea, Botafogo, Laranjeiras e Flamengo, sendo orador o dr. Marcarinos Torres, filho; às 20 horas, na Av. Venezuela, 27, 6.º andar, com palestra (Conclui na Página 8)



Dep. Vieira de Melo



Dep. Vieira de Melo



Dona Branca Fialho



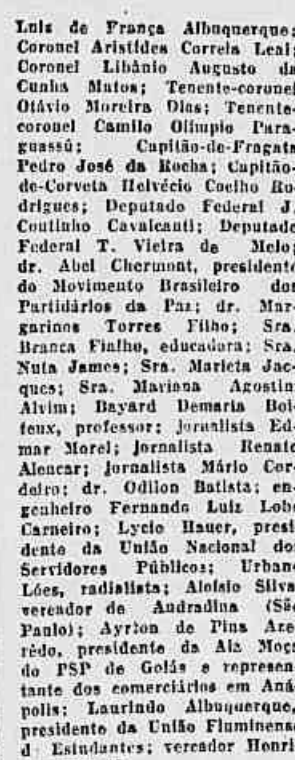
Cmt. Coelho Rodrigues



Dep. Coutinho Cavalcanti



Gen. Henrique Cunha



DO RIO GRANDE DO SUL

Desembargador João Pereira Sampaio; dr. Cláudio Mórão, promotor público; deputado Fênix Rodrigues; dr. Paulo Vargas Vares, presidente da Ordem dos Advogados (seção do RS); dr. José Antônio Araújo, vereador M. Briza Gasti; vereador Silvio Bonow; dr. Bonifácio Butel; jornalista Tabajara; dr. Rui Caporal, economista; Eulália Ribeiro, arquiteta; Vera Fabião, arquiteta; Carlos Maximiliano Falt, arquiteto; Nelson Souza, arquiteto; Fernando Corona, arquiteto.

DE SANTA CATARINA
Desembargador Salício Gonzaga; juiz José do Patrocínio Galvão; Alcebades Cândido Pinheiro, secretário do PSP; vereador Jupi Ulisses; Coronel David Tullio; professor Rubens Ulisses.

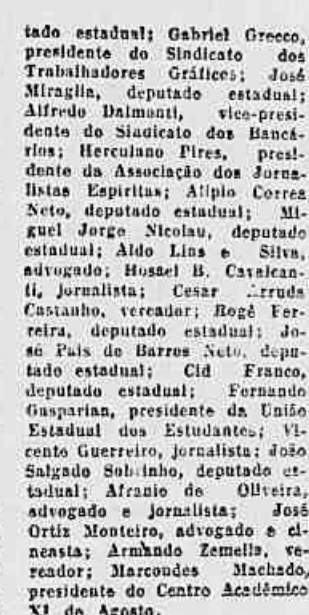
DO ESPÍRITO SANTO
Deputado Custódio Tristão; Deputado Aníbal Soares.

DO MARANHÃO
Deputado E. Araújo Neto; deputado Manoel Gomes; deputado J. Carvalho Branco; deputado José Mário Carvalho; deputado Raimundo Bogá; vereador Walter Bessa; Ezequiel Dória Oliveira, presidente do Diretório Municipal do PTB; José Maria Machado, industrial; Aníbal Abreu, médico; Nilton Ericcio, médico; Flávia Pires Filho, médico; Damasceno Elgueredo, médico; Zildo Pires, médico; Moacir Penha, médico; Egídio Viana, médico; Antônio Ribeiro, professor; Antônio Gomes da Silva, comerciante; Antônio Frutuoso Fellos, comerciante.

DE MATO GROSSO
(Campo Grande)
Mário Carmo, prefeito; Nelson Borges de Barros, presidente da Câmara dos Vereadores; dr. Wilson Loureiro de Oliveira, promotor público; Reverendo Altino Vasconcelos, pastor batista; Américo Oliveira, deputado; dr. Diomedes França, agrônomo; dr. Marcelino de Oliveira Lima, médico; Antônio Teófilo Cunha, professor; Armando B. Tubertine, pecuarista; dr. Armando de Oliveira, médico; dr. Francisco Aires, médico; dr. Alberto Neder, médico; dr. Walfrido Arruda, médico; Aureo Medeiros da Silva, presidente do Sindicato da Construção Civil; Luis Floriano de Oliveira, presidente da Associação dos Barbeiros; Aguiar Melo, líder estudantil; dr. José Pessoa Melo, cirurgião-dentista; dr. Art. Souza, cirurgião-dentista.

APÓIO AO COMÍCIO
Vem apoiando a iniciativa de comício acima referido a Comissão Nacional Contra o Acôrdio Militar, presidida pelo Ilustre General Edgar Buxbaum e integrada pelas seguintes personalidades, entre outras: deputados federais T. Vieira de Melo, Campos Vergal, Plínio Coelho, Eusébio Rocha e Breno da Silveira, seus vice-presidentes.

Engenheiro ainda inteiro apelo ao comício do dia 15 a Comissão Patriótica pela Rejeição do Acôrdio Militar, assim constituída: Fortilho da Paz, deputado estadual; Gabriel Greco, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos; José Miraglia, deputado estadual; Alfredo Delmonte, vice-presidente do Sindicato dos Bancários; Herculano Pires, presidente da Associação dos Jornalistas Espiritais; Alípio Correa Neto, deputado estadual; Miguel Jorge Nicolau, deputado estadual; Aldo Lima e Silva, advogado; Hozel B. Cavalcanti, jornalista; Cesar Arruda Casiano, vereador; Rogé Ferreira, deputado estadual; José Pais de Barros Neto, deputado estadual; Cid Franco, deputado estadual; Fernando Gasparian, presidente da União Estadual dos Estudantes; Vicente Guerreiro, jornalista; João Salgado Sobrinho, deputado estadual; Afrânio de Oliveira, advogado e jornalista; José Ortiz Monteiro, advogado e jornalista; Armando Zemella, vereador; Marcondes Machado, presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto.



Gen. Leonidas Cardoso



Gen. Felicissimo Cardoso



Gen. Aristides Correia Leal



Cel. Aristides Correia Leal



D. Nita B. James

Criada a Federação Da Juventude Brasileira

Lutará a nova entidade pela concretização das reivindicações apresentadas na Conferência dos Direitos da Juventude — Os jovens se pronunciam contra o Acôrdio Militar — O Brasil na Conferência Internacional a realizar-se em Viena — Encerrada solenemente a Conferência Pelos Direitos da Juventude e Pela Paz ★★ (LEIA NA 8ª. PAGINA)

Harmonizaram-se no Congresso de Viena Os Mais Diversos Credos e Opiniões

Fala à IMPRENSA POPULAR o dr. Abel Chermont, presidente do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz e membro da delegação do Brasil ao Congresso dos Povos — Consenso unânime quanto às resoluções em defesa da Paz — Repercussão da concessão do Prêmio Stálin a Elisa Branco

Estando de regresso ao Brasil, o dr. Abel Chermont, presidente do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, IMPRENSA POPULAR ouviu o seu mais vigoroso lutador pela causa mundial da Paz, o próprio dr. Abel Chermont, que esteve presente. Como se sabe, o dr. Abel Chermont participou de dois congressos internacionais pela Paz, — o primeiro em Pequim — e a Conferência dos Países da Ásia e das Regiões do Pacífico, como convidado especial, juntamente com os drs. Mario Fabião e Fred Saad, e o segundo em Viena. — O Congresso dos Povos pela Paz, no qual compareceram e participaram representantes de todos os países e de todos os credos religiosos e opiniões políticas.

CONGRACAMENTO MUNDIAL
Falando-nos sobre o Congresso de Viena, disse o dr. Abel Chermont:
— Foi um Congresso diferente dos que até aqui se têm realizado, porque a sua composição heterogênea e a mais variada, não se limitou às organizações dos partidários da Paz, se bem que, incontestavel-

mente, sejam estes os mais ativos lutadores pela preservação da Paz. Mas o que se verificou no Congresso dos Povos, em Viena, é que os mais diversos credos e opiniões, após alguns dias de discussão e explanações, encontraram todos, podese dizer, por unanimidade, o terreno comum de entendimento, isto é, a necessidade de defender a paz, a necessidade de um entendimento entre as cinco grandes potências, como meio de pôr termo à guerra fria, que inquieta o mundo e o ameaça de um novo e pavoroso conflito generalizado, e para impedir a suspensão das hostilidades onde quer que as haja. Nesse, como nos demais pontos discutidos e adotados, a decisão foi unânime. Entendiam-se homens de crenças religiosas as mais diferentes e representantes das mais diversas opiniões políticas.

UNANIMIDADE PELA PAZ
Perguntamos ao entrevistado sobre o ambiente existente no Congresso entre os delegados, em número de quase dois mil, de diversas nacionalidades, e ele acentuou que houve a maior fraternidade e compreensão.

Movimento Sindical Chileno

UMA CONFERÊNCIA
DA JORNALISTA
MARIA DA GRAÇA

Promovida por um grupo de dirigentes sindicais, realizou-se na próxima terça-feira, às 18.30, na sala do Conselho da ABEI, uma conferência da nossa companheira de redação Maria da Graça, secretária da Federação Nacional de Jornalistas. Na qualidade de delegada brasileira ao recente Congresso Mundial de Jornalistas, Maria da Graça esteve em Santiago e percorreu a região das minas, entrando em contato com os meios sindicais chilenos.

PARA O "CORREIO DA MANHÃ", ATÉ A CAPACIDADE DE PENSAR NOS VEM DOS ESTADOS UNIDOS

As origens da campanha anti-comunista e o plano do Comitê de Atividade Anti-americanas de Washington — Um "bilhete americano" orienta o jornal do bêbedo e siberita Paulo Bittencourt

A campanha comunista prosseguiu ontem nos seus habituais veículos de jornais diários, como o "Correio da Manhã", que dedica o seu editorial a essa "crucificação da enciclopedia americana". Com a sua habitual linguagem rebuscada, pede a aplicação imediata da nova lei de segurança, que já dá como sancionada. Aconselha o governo: «O seu maior principal há de ser a decisão de agir, animando em cada setor e em cada região a colaboração necessária da autoridade local».

Em outras palavras: esse órgão da reação e do imperialismo pede a implantação imediata do terror fascista contra os patriotas, quer que se forja, que logo milhares de processos políticos e que as prisões se encham.

SERVILISMO SEM IGUAL

Onde a origem dessa fúria terrorista do jornal do Sr. Paulo Bittencourt? É fácil compreender-se se analisarmos o programa do "Correio da Manhã", exposto num editorial de 13 de fevereiro de 1949, que diz o seguinte: «Este não há nação que possa sobreviver se se mantiver distante do bloco de nações grandes e pequenas, que gravitam como astros de segunda grandeza em torno do sol norte-americano. As condições do planeta o levaram a ter de aceitar a participação daquele povo no destino de todo o outro. E a hora que vive o mundo, e dela não se apartaria o Brasil. Atualmente, desde a educação alimentar do recém-nascido, até o cinema, as grandes indústrias, o crédito, a lavoura, a capacidade de pensar, nos vêm através dos Estados Unidos. E assim que nos parece de todo acertado aceitarmos a colaboração ou se quisermos, a direção americana».

Essas palavras dispensam comentários. Raramente na história imunda da imprensa «sadia» do Brasil alguém chegou a tão repulsa escravidão diante do patão estrangeiro.

O BILHETE NORTE-AMERICANO

Mas a atitude do "Correio da Manhã" se torna ainda mais clara se citarmos um trecho, colhido na sua edição de ante ontem, na seção «Bilhetes Americanos». Ali se lê: «O programa da guerra ao comunismo nos Estados Unidos».

— As resoluções do Congresso de Viena foram aprovadas por unanimidade de delegados, havendo, apenas, dez abstenções de observadores e nenhum voto em contrário, entre 1.647 votantes. Isso significa que, no consenso unânime dos representantes dos povos do mundo, reunidos em Congresso para defender a paz, nada impediu que a despeito dos sistemas políticos sob os quais vivem e dos quais são adeptos ou dos quais divergem, tenha sido possível um perfeito entendimento, naquilo por que mais ansia o mundo, que é a Paz. Esse entendimento significa, pois, que a coexistência pacífica de sistemas políticos e econômicos diferentes é não só possível como uma resultante do princípio fundamental da auto-determinação dos povos. E a paz que partindo dessas premissas a manifestação generalizada e dominante no Congresso de Viena condena não só todas as guerras coloniais em que as potências imperialistas combatem os anseios de independência e autonomia dos povos coloniais ou chamados «protetidos», como o Marrocos, a Tu-

nisia, por exemplo, ou o Viet-Nam, que tão heróicamente luta pela sua independência, apelado, até mesmo por uma grande parte da opinião pública francesa, que condena a «guerra» — a guerra suja que os colonialistas franceses persistem em levar a cabo, a despeito de solenes promessas e tratados assinados reconhecendo a independência do Viet-Nam. E que, como reconheceu o Congresso dos Povos — e o fez sem divergências — a base (e a segurança) da paz, no mundo todo reside no respeito à independência e à segurança das nações. Qualquer ameaça à autonomia política de qualquer povo gera a ameaça de guerra.

UMA GRANDE E AMPLA DELEGAÇÃO
Referindo-se à delegação brasileira, falou sobre o destacado papel que destruiu no Congresso, não só pela importância do Movimento da Paz no Brasil, como também pela expressão dos seus membros, cinco dos quais tiveram a honra de formar no Presidium de Honra. Disse-nos o dr. Abel Chermont:
— Mandamos a Viena uma grande e ampla delegação. Não foram, apenas, representantes e membros do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, que contribuíram, mas das mais variadas correntes de pensamento e de opinião brasileira. Intelectuais, médicos, militares, operários, representantes credenciados de vários sindicatos, artistas, jornalistas, missionários, entre todos membros de diversos partidos políticos, credos e princípios religiosos e filosóficos, formaram a nossa delegação, que teve destacado papel nesse Congresso, pelo prestígio de que goza o Brasil, nesse campo e glorioso movimento mundial que é a luta pela Paz. Assim é que, cinco dos seus membros formaram no Presidium do Congresso, como por exemplo, a sr. Branca Fialho, que é também destacada figura do Bureau do Conselho Mundial da Paz e tão justamente admirada e estimada pela sua ação a frente de todos os movimentos de Paz no Brasil, o escritor Jorge Amado, também membro do Conselho Mundial — figura de extraordinária projeção no mundo político universal, onde a sua ação em defesa da paz já lhe granjeou o renome de um Prêmio Stálin, como nos meios intelectuais da Europa

seus agentes de Washington, plano que, sob a máscara de combate ao comunismo, visa liquidar por completo as liberdades públicas asseguradas pela Constituição Americana, plano que favorece a espionagem, a delação, a condenação com provas forjadas, pena que transforma os Estados Unidos numa vasta prisão.

BEBEDO E SIBERITA
Ditada a orientação, o Correio da Manhã se apressa em aplicá-la no Brasil. E quem preside essa asquerosa campanha jornalística é um tipo como Paulo Bittencourt, bêbedo e siberita, que faz do seu jornal um balcão, como pronto a cumprir as ordens dos «bilhetes norte-americanos».

Por aí se vê a opinião pública a origem da campanha anti-comunista e encontra novas razões para repudiá-la, como vem fazendo.

sem o menor protesto a notícia de que quarenta mil oficiais nazistas da antiga Wehrmacht de Hitler acabam de se inscrever no exército alemão do futuro Exército Europeu, sob a chefia precisamente dos carrascos que pretendem levar à cadeia elétrica o patriota nordestino-americano Julius Rosenberg e sua esposa.

— Tudo isto faz pensar que não somente o povo já se cansou de ceder pelas providências tantas vezes prometidas pelo governo e não cumpridas, mas também que resolveu repelir as autoridades usando as mesmas armas com que geralmente é tratado — as armas da violência.

— Vale salientar que esses dois jornais divulgam



DR. ABEL CHERMONT

e do mundo, porventura o escritor brasileiro mais traduzido em todos os tempos e em todas as línguas. Foi, assim, com justo orgulho que recebemos a notícia da concessão do Prêmio Stálin, pela Paz, a nossa companheira de delegação, a sr. Elisa Branco, brava lutadora da paz, que o Brasil todo reconhece como uma de suas mais queridas heroínas e lutadoras. Elisa Branco, evidentemente, mereceu a honra desse prêmio, mas o Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, ao qual ela pertence, e ao qual dá todo o seu esforço e dedicação, sente-se revigorado para prosseguir em sua luta pela preservação da Paz.

COEXISTÊNCIA PACÍFICA DAS NAÇÕES
Concluindo suas declarações, disse o presidente do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz:

— Mas a Paz não é algo abstrato e inconsistente. A Paz é uma afirmação de vontade, persistente vontade de repelir o império da guerra. Como? Respostando e fazendo respeitar a independência e a segurança — nossa e a de todos os povos; aproximando-nos cada vez mais de todos os outros povos; reconhecendo às outras nações o

mesmo direito que nós temos de adotar o sistema ou o regime de governo que entendemos, porque todos podem coexistir pacificamente; de repelir e rejeitar todos os pactos e acordos que ponham em sujeição ou dependência a nossa soberania, — que, ou total, absoluta, ou não e soberana. — A Paz, então, que é felicidade, abundância, dignidade, tranquilidade. O direito de viver. E disso cuidamos em Pequim e em Viena.

Grande Reunião dos Metalúrgicos
Terça-feira, às 15 horas, haverá, no Sindicato, grande reunião dos metalúrgicos, promovida pela quarta chapa, «UNIAO». Serão abordados importantes assuntos como eleições, pagamento do aumento de salário, assiduidade integral e a assembleia marcada para sexta-feira, dia 16.

Membros e eleitores da quarta chapa encarecem o comprometimento do Comitê-proleção e dos metalúrgicos em geral.

E' Possível a Rejeição De Acôrdo Pela Camara
Consequência da repulsa popular e da atitude de outros países da América do Sul — Declarações do deputado federal Nelson Carneiro

SALVADOR, 10 (Do correspondente) — Ouvindo pela reportagem de «O MOMENTO», acerca do Acôrdo Militar, o deputado Nelson Carneiro declarou:

«A Camara votará brevemente o Acôrdo Militar entre o Brasil e os Estados Unidos. A companhia popular contra esse ajuste logou seu primeiro sucesso com o despertar da atenção da Camara para a gravidade problema. Não creio que o governo possa, já agora, obter uma vitória fácil, exatamente porque a referida campanha de protesto chegou a todos os con-

gressos e a cada qual, antes de votar, se sentira no dever de estudar cuidadosamente. Não creio que essa matéria possa ser votada durante a sessão extraordinária que se inicia no dia 15 deste mês e se encerra a 9 de março, em virtude do número reduzido de deputados que a ela comparecerão — em face mesmo da necessidade de permanecerem em seus Estados, em contato com os problemas regionais.

Concluindo, disse o deputado Nelson Carneiro:

«É possível que a atitude assumida por outros países da América do Sul de repúdio ao Acôrdo influa no sentido de modificar o ponto de vista de vários representantes do povo e que, assim, o tratado entre maiores tropeços e dificuldades. Como o grande in-

teressado é o povo, a ele cabe manter-se vigilante até que triunfe a sua causa».

Deputado Nelson Carneiro

EDITORIAL NOVO TEÓRICO DO FASCISMO

O sr. Lucas Nogueira Garcez, criação política do Idravaz Ademar de Barros e atual interventor de Getúlio em São Paulo, é agora projetado solenemente, num regabofe, como o novo teórico do fascismo, da guerra e da abedição nacional.

Para tanto, foram buscá-lo em São Paulo, «estacionistas» e «oposicionistas» para teorizar sobre... «Política de Segurança Nacional». Entendase, desde logo: essa política de «segurança nacional» é a política das elites de segurança, do terror contra as massas populares, da submissão do país aos imperialistas dos Estados Unidos.

O sr. Garcez, aliás, não se meteu em grandes pretensões: contentou-se em gloriar palavras de Vargas e do sr. Cordeiro de Farias sobre a «defesa nacional»... sob a direção norte-americana. Partindo do reconhecimento de que a maioria do nosso povo repele essa política de subordinação nos trastes ianques, o sr. Garcez aponta esta oposição como elemento negativo da «defesa nacional» que deve ser anulado «por todos os meios».

«Elemento negativo» é também, para ele o crescente descontentamento das massas populares com a situação de miséria e fome em que se debatem. E também deve ser eliminado mas não com a eliminação da fome e da miséria, e sim com as medidas de repressão contra os agitadores, isto é, contra os trabalhadores que lutam por mais pão e melhores salários contra os patriotas que se batem pela solução dos problemas do povo.

É fácil concluir onde quer chegar esta projeção terrorista: à implantação pura e simples da ditadura fascista, sob a máscara de «defesa das instituições e do regime».

O sr. Garcez não deixa de dizer por que ele e seus parceiros mais categorizados tramam abertamente a instalação do fascismo. Declara em seu discurso: «Não será, porém, quando a guerra eclidir, que uma nação poderá tomar providências no sentido de anular o esforço dos agentes interiores de sua dissolução. Essa obra é do tempo de paz... Trata-se, pois, do recurso ao fascismo para caminhar no sentido da guerra — isto é, para mandar tropas brasileiras à Coreia, para possibilitar a criação de bases ianques no país e atrelar definitivamente a nossa Pátria às aventuras sangrentas do imperialismo americano.

A clareza com que falou, neste sentido, o sr. Garcez, põe a nã o sentido das proclamações anti-comunistas que crescem no país inteiro. Denunciamos, igualmente, o sentido desses apelos à «unidade sagrada» das classes dominantes, de que o regabofe no qual falou o governador de São Paulo é mais uma tentativa de concretização. Trata-se, em ambos os casos, de atirar o país às guerras de Wall Street, para o que se planeja, como primeiro passo, a legalização do terror.

Diante desse conluio criminoso, ressalta a necessidade de mais rápida e maior união do povo, de todos os brasileiros que desejam a paz, e não a guerra, a democracia e não fascismo, a independência nacional e não o jugo ianque, para opor uma insuperável barreira aos que conspiram contra as nossas vidas e contra a dignidade de nossa Pátria. Essa união é, não só necessária, mas possível, como vem demonstrando todas e todas as magníficas campanhas que se desenvolvem no país inteiro pela paz, contra o Acôrdo Militar e o sangue de nossas riquezas naturais, contra a carestia e a fome. Se todos lutarmos agora com mais vigor e audácia, o fascismo não passará.

☆ A renda dos filmes
Uma comissão de representantes da indústria cinematográfica conferenciou com o sr. Getúlio Vargas, a fim de solicitar providências para a implantação de filmes virgens, material indispensável à rotação das produções programadas. Durante a entrevista foi entregue ao sr. Vargas o relatório do Sindicato da Indústria Cinematográfica, o qual revela que no ano passado a renda bruta dos filmes nacionais atingiu a uma soma superior a 100 milhões de cruzeiros. E isto sem contar com os meios de distribuição dos filmes estrangeiros, particularmente dos americanos. Assim, se a renda das películas nacionais foi de 100, a dos filmes estrangeiros deverá ter ultrapassado de muito a um bilhão de cruzeiros. De fato, poderemos calcular aproximadamente a renda dos filmes estrangeiros baseada na Lei 831. De acordo com esta lei, para cada oito películas estrangeiras, o cinema deve exibir uma produção nacional. Se esta produção teve uma renda de 100, logicamente a de filmes estrangeiros será, no mínimo, oito vezes superior, isto é, de 800 milhões de cruzeiros. Naturalmente esta é a soma que se pode afirmar, sabendo-se que a lei não é sempre cumprida e que o círculo de distribuição de filmes estrangeiros é muito mais ampliado, con-

clui-se que a renda será muito superior. Assim, enquanto os filmes nacionais são distribuídos aqui no Rio, em São Paulo e mais algumas poucas cidades, os de procedência americana são «voados em todos os rincões, vilas, etc., em todos os lugares onde existem cinemas instalados.

De qualquer maneira, estes dados revelam que é considerável a soma que as empresas estrangeiras auferem e, o que é pior, enviam para fora do país. Daí, portanto, a luta que os produtores de Hollywood fazem contra o cinema nacional e, agora, particularmente contra a lei 831. Já no ano passado, o cinema de Hollywood deixou de abocanhar 100 milhões de cruzeiros!

☆ L'onorata compagna
Sabendo o que faz, a «Tribuna da Imprensa», que se proclama um jornal que diz o que pensa porque pensa o que diz, realizou alguns dias de trabalho, reunindo alguns das elites dominantes e algumas figuras de tubarão e de castrão, para um brevíssimo pomposamente intitulado «Jantar Brasileiro de 1953».

Vamos ver como funcionou esse jantar, já que em face das bruscas e constantes mudanças da política ianque é muito cedo para se prever como será o futuro.

Além do discurso do governador Garcez, que surge como novo protagonista da guerra total do general Cordeiro e dos americanos, houve nesse banquete alguns detalhes dignos de nota. Primeiro, a reconciliação dramática de Carlos Lacerda com o chefe da Casa Civil de Vargas, até bem pouco tempo vítima de verrugas sistêmicas da direção do «Planalto». Depois, alguns aspectos que o próprio jornal estridentista registou sem malícia: Chateaubriand e o chefe de polícia Justo, brincando de soldado e ladrão; o general Cordeiro, muito enfiado, proclamando que grezes e trouxas podem ser democratas e ao mesmo tempo esquecido do que o cerco de Tula durou em anos. O ministro Prádo Kelly, estrondoso deitado com o anfitrião, o senador Vitorino; o celebrado barão de Itaipava, sempre restrito, dormindo logo depois de consumar o padre Heider, bispo auxiliar do Rio de Janeiro, abençoando o jantar, por causa das dúvidas; Ru-

Telegramas dos Estados
GREVE GERAL DE TÊXTEIS EM SANTA CATARINA
FLORIANÓPOLIS, 10 (Do Correspondente) — Os grevistas do Brusque, que mantêm as fábricas de tecidos paralisadas há mais de uma semana, acabam de cortar as linhas telefônicas e telefônicas, deixando a cidade completamente isolada. A decisão foi tomada como medida de defesa de sua justa greve, de vez que os proprietários das fábricas, utilizando-se de coação e ameaças, tentavam aliciar fura-greves e pôr as máquinas em movimento.

Alinda como resposta às manobras dos empregadores para sufocar a greve e nada conceder aos operários das melhorias que reivindicam, os trabalhadores das poucas fábricas que funcionavam abandonaram o serviço. Assim, a greve se tornou geral, apresentando-se agora, mais firme e absolutamente cega. Brusque é, como se sabe, o mais importante centro têxtil do Estado.

Impotente para enfrentar as greves, que se mostram firmes e combativas na defesa do aumento pleiteado, o delegado de polícia local pediu a presença do Delegado da Ordem Policial e Social desta capital e contingentes policiais.

SETE MESES SEM LUZ
JOÃO PESOA, 10 (IP) — Uma amostra do atraso progressivo no interior está sendo dada pela cidade de Patipá, que está sem luz elétrica há sete meses apesar dos protestos dos habitantes. A Prefeitura alega que não manda reparar o gerador porque não há dinheiro para tanto.

CONTRA O ACORDO
SALVADOR, 10 (Do correspondente) — Despertando grande interesse a conferência que o deputado federal e diretor do «Diário da Bahia», sr. Tarício Vieira de Melo pronunciou ontem contra o Acôrdo de Assistência Militar entre o Brasil e os Estados Unidos.

Grande número de personalidades estão felicitando e defendendo Vieira de Melo pela iniciativa.

Apacia o Presidente da U. O. M.
O IV Congresso Geral da CTAL
Pelo reforçamento da unidade sindical latino-americana o Congresso merece apoio irrestrito — A U.O.M. tudo fará para enviar delegados, afirma à nossa reportagem o presidente em exercício da entidade dos operários municipais

Aproveito esta oportunidade para fazer votos no sentido de que todas as corporações de trabalhadores, especialmente as maiores e mais importantes, como os têxteis, metalúrgicos, ferroviários, marítimos, tantas outras, se façam representar nesse oportuno e necessário Congresso continental.

Concluindo lembrando a luta dos operários municipais por aumento de salários e pela liberdade sindical.

— Não temos direito a sindicalização, essa é uma das aspirações mais caras dos trabalhadores municipais e é também assunto do teorário do Congresso. Juntamente com irmãos de outros países teremos oportunidade de debater e outras questões de máxima importância.

Apenas o tacógrafo não resolve — Os lucros das empresas de ônibus e lotações aumentam com a velocidade dos carros

ATIVIDADE HONESTA E RENDOSA
★ **CORRETORES DE ANÚNCIOS** ★
Comissões de 30 % sobre o valor de um anúncio publicado na **IMPRENSA POPULAR**, o jornal de maior penetração entre as massas trabalhadoras. Procure o Serviço de Publicidade da **IMPRENSA POPULAR** na rua Gustavo Lacerda, 19, sob* - Fone 22-3070, das 9 às 10 horas e das 17 às 19 horas.

gostar, um dando 30 mil cruzeiros por mês, os lucros são maiores do que ao acertar na loteria todos os dias de extração.

E quanto mais conseguem arrancar do povo, explorando falta do transporte, mais doentes e mais perigosos vão se tornando esses meios de locomoção. Tão ameaçadores são ônibus e lotações que, atualmente, muita gente tem recusa de levar as crianças e os pais para locais onde precisam fazer transporte qualquer.

**meses de Xerem
os Pelos Latifundiários**

A Comissão de camponeses do ramal de Xerem, quando falava à nossa reportagem

ATENÇÃO

Bombeiro — Eletricista — Gasista — Consertos de Gelos
deiras, Rádio's, etc. — Serviços de Conservação

LIAMOS

Fone: 42-0954 — Atende-se a reclamações.

tecidos têm uma ação diferente, |

Copyright © 2004 John Wiley & Sons, Ltd.

BEIRUTE 10 (AFP) — Segundo os jornais «Al Amal» e «Al Destour», teriam irrompido manifestações em diversas cidades sírias. Esclarecem os mesmos jornais que em Alep a tropa teria atirado contra os estudantes que se manifestavam. Haveria diversos mortos. Acrescentam os jornais que as autoridades sírias ordenaram o fechamento da Universidade e dos liceus e efetuaram numerosas prisões entre os estudantes.

NOTA INTERNACIONAL

A Viagem Frustrada

Nenhuma dúvida pode existir em torno do fracasso da viagem de Churchill aos Estados Unidos. Sobre seus verdadeiros objetivos foi mantido sempre um rigoroso sigilo. As manobras do primeiro ministro ao ser interrogado pela imprensa, quando em seu desembarque foram sempre vagas, abordando assuntos de importância secundária, mas nem assim deixaram de provocar contradição por parte de alguns membros do Congresso americano.

Agora, ao fim do resultado final. Que dizem os telegramas sobre o encerramento do encontro de Churchill com o presidente eleito Eisenhower e outras personalidades dos Estados Unidos? Contentam-se os noticiários com a revelação, julgada muito importante, de que o primeiro ministro inglês seguiu para a Jamaica no avião presidencial «Independence», que em cinco horas e meia cobriu a distância que separa Washington do ponto final da jornada.

Desgraciadamente a reportagem não apurou coisa alguma sobre a marca do uísque e dos charutos a serem oferecidos durante a viagem, como fôra de costume, no quase desregrado fomentador de guerras. Mas isto não é o pior que poderia acontecer a jornalistas em busca de fatos sensacionais. O pior é que Churchill recusou comentar os assuntos discutidos durante sua visita aos Estados Unidos.

Qual a causa de tão reticente fracasso? É claro que os representantes do oficialismo inglês e americano não iriam desmentir-se quanto a ideias gerais em torno de seu trabalho comum de articulação de uma terceira guerra. O que deu terra no encontro, o que levou o sr. Churchill a não poder dizer nada aos jornalistas sobre os resultados de sua viagem é que ele evidente se prendeu às crescentes divergências do campo do imperialismo, que naturalmente ainda são mais agudas entre os dois mais fortes países do bloco capitalista, os que mais encarnadamente disputam a conquista de mercados e fontes de matérias-primas, que são justamente os Estados Unidos e a Inglaterra. Mas esse assunto, para Churchill, Eisenhower e Truman, constitui, por ora, segredo militar.

LUTA CONTRA TITO O POVO IUGOSLAVO

GREVES, INCÊNDIOS DE FABRICAS, INSCRIÇÕES MURAIS, POR TODA FORMA OS TRABALHADORES PROTESTAM CONTRA O LACAO DOS IANQUES — CRESCE A FORÇA E O PRESTÍGIO DA UNÃO DOS PATRIOTAS IUGOSLAVOS —

MOSCOU, 10 (IP) — Os povos da Iugoslávia não serão escravos dos imperialistas norte-americanos, é o título de um artigo de Pero Popivoda, emigrado iugoslavo, publicado no jornal «Pravda», sobre a luta dos povos da Iugoslávia contra a política traidora da camarilha de Tito. A Iugoslávia dos nossos dias, diz Popivoda, é um país escravizado pelos imperialistas norte-americanos e foi reduzido a uma base militar dos estados Unidos. Os preparativos de guerra realizados pelas autoridades titistas agravam consideravelmente a situação dos trabalhadores do país. Os próprios titistas reconhecem que na Iugoslávia existem mais de 300 mil desempregados e mais 600 mil empregados parciais. Na Iugoslávia a jornada de trabalho prolonga-se, em regra, de 10 a 12 horas e até mais.

Os trabalhadores da Iugoslávia, centu Popivoda, lutam decididamente para se libertar da escravidão fascista, contra os preparativos belicosos dos titistas. Segundo o jornal fascista «Narodni Listi» os ferroviários incendiaram recentemente um depósito que continha material de guerra e explosivos, em sinal de protesto contra a camarilha dos titistas.

Os operários de uma fábrica de material de guerra avariaram de propósito diversas máquinas, causando grandes danos à indústria de guerra de Belgrado. Em 1951 os operários, esbofados e trabalhadores do transporte realizaram greve que abrangeu a totalidade de 60 mil jornadas de trabalho. Por sua vez os militares da Sérvia ocasionaram a perda de 2 milhões e trezentos mil jornadas de trabalho. Em Trepanje, de 20 a 30% dos operários não comparecem diariamente ao trabalho.

O jornal titista de Dnietorsk assinou, cheio de indignação, que a indústria da Croácia, de 1950, sofreu, em danos, uma perda de 140 milhões de dinars em consequência de incêndios provocados. Em diversas cidades, como Zagreb, inúmeras fábricas foram destruídas total ou parcialmente. As perdas causadas são sempre diminuídas pelos jornais e, em geral, são dez vezes maiores de que os cálculos publicados na imprensa. Em 1952 essas perdas atingiram a dois bilhões e 500 milhões de dinars.

Numerosos iugoslavos abandonaram o país. Nos primeiros sete meses de 1952, 187 pessoas fugiram para a Itália, pelo Adriático. Nos meses de maio e junho do ano passado, 130 cidadãos iugoslavos passaram para a Coríntia Esclava, na Áustria.

Por toda parte, na Iugoslávia, os operários escrevem combates palavras de ordem, dizendo: «Abalo o bano titista e os ateadores de uma nova guerra». «Abalo os ateadores de guerra iugoslavos». «Viva a U.R.S.S., baluarte da paz, da democracia e do Socialismo».

O regime antipopular de Tito debate-se numa crise aguda. Os trabalhadores e as camadas médias da população das cidades e dos campos intensificam a luta libertadora e unem-se cada vez mais estreitamente nas fileiras da União dos Patriotas Iugoslavos, para libertar o povo da Iugoslávia do jugo fascista da camarilha de Tito-Lankovitch e da escravidão imperialista. Esta União tem o apoio da intelectualidade progressista assim como da parte de patriotas da burguesia nacional. Esta União apresenta a todos os patriotas iugoslavos a tarefa de liquidar a ditadura fascista de Tito e estabelecer um regime democrático-popular na Iugoslávia. Os povos da Iugoslávia, assinava Popivoda, não serão jamais escravos dos imperialistas norte-americanos.

1952 essas perdas atingiram a dois bilhões e 500 milhões de dinars.

Numerosos iugoslavos abandonaram o país. Nos primeiros sete meses de 1952, 187 pessoas fugiram para a Itália, pelo Adriático. Nos meses de maio e junho do ano passado, 130 cidadãos iugoslavos passaram para a Coríntia Esclava, na Áustria.

Por toda parte, na Iugoslávia, os operários escrevem combates palavras de ordem, dizendo: «Abalo o bano titista e os ateadores de uma nova guerra». «Abalo os ateadores de guerra iugoslavos». «Viva a U.R.S.S., baluarte da paz, da democracia e do Socialismo».

O regime antipopular de Tito debate-se numa crise aguda. Os trabalhadores e as camadas médias da população das cidades e dos campos intensificam a luta libertadora e unem-se cada vez mais estreitamente nas fileiras da União dos Patriotas Iugoslavos, para libertar o povo da Iugoslávia do jugo fascista da camarilha de Tito-Lankovitch e da escravidão imperialista. Esta União tem o apoio da intelectualidade progressista assim como da parte de patriotas da burguesia nacional. Esta União apresenta a todos os patriotas iugoslavos a tarefa de liquidar a ditadura fascista de Tito e estabelecer um regime democrático-popular na Iugoslávia. Os povos da Iugoslávia, assinava Popivoda, não serão jamais escravos dos imperialistas norte-americanos.



SOE O SIGNO DO «MUNDO LIVRE»
TRABALHADORES RURAIS SUL-AFRICANOS trabalham sob o chicote nas plantações de batatas e milho situadas na região de Bethal, no Transvaal. Esses trabalhadores são recrutados em suas aldeias natais e levados pelo engodo a assinar contratos escravagistas. Em Bethal, são conduzidos em rebanho de seus alojamentos semelhantes a prisões para o campo, onde trabalham à vista de feitores pretos e brancos, montados a cavalo e munidos de chicote.

A UNIÃO SOVIÉTICA PAÍS DA PAZ

PALA O ESCRITOR NICOLAI MIKAILOVITCH, PRÊMIO STALIN

MOSCOU, 10 (I.P.) — O celebrado escritor soviético Nicolai Mikailovitch, Prêmio Stalin, fez as seguintes declarações ao microfone da Rádio de Moscou:

«Presados ouvintes, a União Soviética acaba de festejar o 32º aniversário da fundação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Durante este período transformaram-se radicalmente as 16 Repúblicas que integram a U.R.S.S.

Sou geógrafo e escritor russo. Escrevo livros sobre a U.R.S.S., seu território e suas riquezas. Mas cada nova edição destes livros tem de ser modificada. A construção pacífica da U.R.S.S. mudou-se rapidamente, a envergadura de suas obras é tal que a fusão do país modifica de ano para ano. Recentemente percorri milhares de quilômetros do país soviético. Em toda parte vi coisas novas.

Não pouco regressar de Leningrado. Esta cidade, como se sabe, resistiu durante a guerra 900 dias de ativo bloqueio e destruições. Leningrado hoje ultrapassou de muito o nível de antes da guerra e é uma espécie de laboratório da técnica da U.R.S.S. Na cidade não há mais uma só casa destruída. Vem-se por toda parte novos edifícios, novos estádios, novas universidades, novas cinemas, novas bibliotecas, novas laboratórios, etc. Vi a rua Stalin, a mais longa e a mais larga da cidade, que foi construída quase completamente depois da guerra.

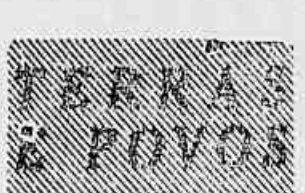
Visitei também Stalingrado. Percorri o Canal Navegável Lenin do Volga Don. Vi as fábricas automáticas de elemento que produzem vinte vagões de elemento por hora. Vi uma grande máquina que substitui o trabalho de dez mil operários. No lugar onde só havia escombros levanta-se hoje uma nova rua que se chama rua da Paz.

Há um ano estive na Turquia, a mais meridional das Repúblicas da U.R.S.S. Estive situada na fronteira com o Afeganistão. Verifiquei que durante os dois últimos anos elevaram-se consideravelmente as construções de novos prédios, o nível cultural do povo também elevou-se grandemente.

Estive no deserto de Karakum, onde está sendo aberto o Canal Principal Turcomeno, que terá mil quilômetros de extensão e transformará um deserto em terra fértil.

Em 1929, quando floresceram pomares, a lavoura, flores e pastagens. Quando se via pelo país soviético, quando se contemplam as grandes obras do quinto Plano Quinquenal, quando se mergulha num ambiente de trabalho, alegre, competente-se a grande desejo de paz do povo soviético. Quando vejo esse ambiente soviético penso: Ah! se isto fosse visto por milhões e milhões de pessoas que odeiam a guerra, que anseiam por paz e lutam por ela. Minha pátria, a U.R.S.S., é o país da paz, do trabalho criador, o país da amizade fraternal dos povos».

Miseravelmente Exploradas As Mulheres Sob o Franquismo



PARIS, janeiro (correspondência especial) — Na Espanha as mulheres operárias são hoje vítimas de uma exploração desenfreada das grandes capitais e latifundiários. Como se fossem seres inferiores, são objeto de uma discriminação bestial por parte dos grandes exploradores franquistas.

Vejamos concretamente o caso das operárias têxteis, das mulheres que trabalham no campo, das costureiras e das domésticas.

NA INDUSTRIA TÊXTEL

Qual é o salário de uma operária têxtil, indústria na qual a grande maioria dos trabalhadores é de mulheres? Uma ajudante ganha 30 pesetas e 35 centavos diários e uma tecelã ganha 11 pesetas. Mas este salário não é atingido por um grande número de operárias da indústria têxtil pelo seguinte motivo: o franquismo, além de sua inimizade ao salário da mulher operária, obriga muitas delas a trabalhar na qualidade de aprendizes. Assim, existem milhares de moças, de 21 anos que trabalham ainda na mesma fábrica sob ainda consideráveis e pesadas como aprendizes. Este meio infame de exploração, permitido aos capitalistas por as autoridades um salário de 47 pesetas semanais, embora muitas destas aprendizes fiquem servindo de mães, explicando melhor, estas moças têm um salário diário com o qual podem comprar unicamente um quilo de pão.

Os exploradores têm por este meio uma grande quantidade de mão-de-obra quase gratuita. Além do mais, é muito comum nesta indústria que os capitalistas despendam estas moças quando elas atingem a idade de ganhar um pouco mais. Fazem entrar para a fábrica outras moças da idade de aprendizes.

4 pesetas diárias; sem perspectivas de aprender um ofício. AS CAMPONESAS

No campo a exploração da mulher e coiza da Espanha e, às vezes, mesmo inacreditável. Na província de Jaén, muitas mulheres que trabalham no campo, quando encontram trabalho, ganham salários de 3 a 4 pesetas. São 10 a 12 horas por dia.

Existem ainda casos, como na colheita da oliveira, em que elas se vem obrigadas a recorrer de 5 a 6 quilômetros desde onde moram até o lugar do trabalho, sem que lhes seja descontado o tempo que gastam no percurso nem o salário aumentado.

A falta de trabalho, a miséria, fazem com que muitas jovens que trabalham no campo, abandonem suas aldeias ou povoados, saiam-se das famílias, e venham para as cidades. A maior parte delas empregam-se como criadas nas casas dos ricos.

NO SERVIÇO DOMESTICO

No serviço doméstico a exploração não conhece limites. As mulheres estão expostas a todos os tipos de abuso, sem nenhuma liberdade, como escravas, tendo que trabalhar de 7 horas da manhã e não podendo descansar antes das 12 horas da noite, e por este infame trabalho recebem 75 pesetas por mês e uma comida horrível. Assim vivem as mulheres que trabalham em casas de famílias exploradas como nunca o haviam sido.

Como então podem elas ficar sem lutar, sem protestar e malizar a todo o momento a canalha franquista que as mantém submetidas a uma vida de escravidão? Com que valentia e decisão se lançaram a sua luta na primavera de 1951, em Barcelona, e Terrassa, em Badalona e Matador, em Pamplona e na província da Guipúzcoa. Assim como se fizeram nesta primavera em Caragente, Algemel e Aleira.

E' por isto que na Espanha a classe operária, todos os trabalhadores preocupam-se tanto com os interesses e a defesa das reivindicações da mulher, por que assim estão se defendendo o aumento do salário das mulheres trabalhadoras, lutam para acabar com a ignorância discriminatória.



Mulher combatente do Exército Republicano. Sob a cruel opressão do regime franquista, mulheres como esta continuam a lutar por uma vida melhor.

Realmente em todas as ocasiões de luta de classe operária e do povo da Espanha, foram contrariadas estas sábias palavras de Stalin.

Os comunistas espanhóis integram-se cada vez mais com a causa das reivindicações das mulheres trabalhadoras, individualmente ligadas às reivindicações de toda a classe operária. As mulheres mais desafiadas e combativas chegaram aos postos de direção da preparação das lutas e protestos, inspiradas pelo maravilhoso exemplo da mulher que está à frente do Partido Comunista Espanhol, a tão querida e amada, a grande Dolores Ibarruri.

Será pintada A Torre Eiffel

PARIS, 10 (AFP) — A Torre Eiffel vai ser pintada mais uma vez, em restauração.

Os trabalhos durarão 3 anos e a turma de pintores do centro preparará a pintar a 1º de março próximo o monumento, construído para a exposição de 1889.

Tres cores serão empregadas, partindo do verde escuro, na base, para atingir ao amarelo na parte superior, e o azul na coroa.

É por isto que na Espanha a classe operária, todos os trabalhadores preocupam-se tanto com os interesses e a defesa das reivindicações da mulher, por que assim estão se defendendo o aumento do salário das mulheres trabalhadoras, lutam para acabar com a ignorância discriminatória.

Ambiente de Tempestade Na Capital do Paquistão

KARACHI, 10 (A.F.P.) — Na noite de sexta-feira passada, alguns transeuntes, surpreendidos pelo toque de recolher, foram presos e depois libertados.

Alguns automóveis foram imobilizados, durante a noite, no local em que haviam sido encontrados por uma patrulha.

Hoje de manhã todas as lojas abriram as portas no quarteirão Sadar — setor moderno da cidade — enquanto por todos os pontos os funcionários da limpeza pública recolhiam as pedras e cascos de garrafa.

Hoje de manhã, patrulhas de polícia cercavam o edifício do jornal «Dawn», órgão da Liga Muçulmana, e viam comboios de caminhões do Exército precedidos de «cães» e dirigidos pelo rádio-televisão.

Mas o ambiente continua pesado por dois motivos: — 1) umas trezentas armas de fogo foram tomadas pelos «pathans», guerrilheiros que usaram das suas montanhas para atacar as suas montanhas e poderiam ser utilizadas ainda contra o serviço de ordem no país; 2) o dia de hoje foi proclamado «Dia dos Mártires» e será difícil para a polícia impedir que sejam acompanhadas de manifestações as orações fúnebres nas mesquitas.

Foi praticamente completa a paralisação da cidade, com exceção da folha de língua «dard» «dard», que começou a circular há dois dias e tem a armar a venda a preço de 100 rupias de ordem da Associação de imprensa, ditada em consequência da prisão, ocorrida no dia 30 de dezembro último, do redator chefe do «Evening Times», sr. Suljeri.

manifestações as orações fúnebres nas mesquitas.

Foi praticamente completa a paralisação da cidade, com exceção da folha de língua «dard» «dard», que começou a circular há dois dias e tem a armar a venda a preço de 100 rupias de ordem da Associação de imprensa, ditada em consequência da prisão, ocorrida no dia 30 de dezembro último, do redator chefe do «Evening Times», sr. Suljeri.

Colisão

LONDRES, 10 (AFP) — Após a colisão ocorrida entre dois navios, o costarricense «Astora» e o francês «Fauzon», informa-se que os dois barcos estão fazendo o caminho de volta à praia e o «Astora» a bordo.

Parece que o navio francês «Astora» abandonou o barco costarricense.

Não foram registradas vítimas.

espesa, ainda, a cair mais espessa, ainda, a cair da noite, na região do banco de C. G. J. e no canal do passo de Calais reduzindo a visibilidade a alguns metros apenas.

Nova Audiência De Conciliação dos Alfaiates e Costureiras

Segunda-feira, às 14 horas, no TRT — Pede a Comissão de Salário o comparecimento geral — Andamentos da campanha —

Amanha, às 14 horas, as alfaiates e costureiras estarão no TRT, para mais uma audiência de conciliação. Serão apresentadas as contra-propostas peticionadas no documento.

A campanha atinge, então, uma de suas importantes etapas, intercedendo já dos trabalhadores posição mais enérgica em face das posturas da Justiça do Trabalho e dos empregadores. Estes, convocados por audiências anteriores, não compareceram.

COMPARTECIMENTO GERAL

Ontem, vieram em nossa redação membros da Comissão de Salário e encareceram dos companheiros comprometimento em mais um dia para mostrar suas petições dos seus direitos e esta campanha de campanha.

Como se sabe, a última assembleia geral rejeitou a proposta patronal de 20% sobre os salários de 1951 e reafirmou a tabela peticionada 30% sobre os níveis atuais, sem assistência ou compensações. Uma das categorias, a das Roupas Brancas, teve oferecimento de 20 por cento sobre seus salários atuais, e que foi aceita pela

Reune-se Gabinete De Mayer

PARIS, 10 (AFP) — O novo Gabinete realizou hoje, pela manhã, seu primeiro Conselho de Gabinete.

O Presidente René Mayer fez aos seus companheiros uma exposição sobre a organização do trabalho interno do Governo e sobre as medidas cuja discussão deverá realizar-se no Parlamento para a efetivação dos objetivos da Declaração Ministerial.

De seu lado, o sr. Jean Monnet, Ministro do Orçamento, comunicou as disposições que serão tomadas pelo governo e petições parlamentares para que o orçamento seja aprovado antes de 31 deste mês, o mais tardar.

então, a escolha definitiva do general Bedell Smith para sub-secretário de Estado.

Anunciou igualmente a escolha do senhor Lloyd Mashburn, comissário do Trabalho da Califórnia, para sub-comissário do Trabalho. (A.F.P.).

ATRAVÉS Do Mundo

OTTO EX-OFFICIALS E UM EX-SUB-OFFICIAL DA MARINHA CUBANA, detidos no dia 8 de dezembro último sob a acusação de conspiração contra o governo, foram libertados e declarados inocentes, segundo comunicou ontem o contra-almirante José Rodríguez Calderón, chefe do Estado Maior Geral da Marinha Cubana, o qual esclareceu que entre aqueles oficiais se encontrava o seu predecessor José Aguilera Ruiz. (A.F.P.).

TRUMAN ACEITOU oficialmente ontem, a demissão do secretário de Estado no Departamento, sr. Robert Lovett, bem como as do secretário da Exército, da Marinha e da Aviação. Essas demissões entraram em vigor a partir da ocasião no poder do general Eisenhower, no dia 20 do corrente. (A.F.P.).

FOI SOLENEMENTE investido e prestou o compromisso de praxe o presidente provisório da República, coronel Marcos Porras Cárdenas, novo autor de Venezuela.

A cerimônia se realizou na Assembleia Constituinte. (I.P.).

UM FORTE VOZ MILITAR ISRAELENSE denunciou categoricamente as informações procedentes do Beirute, segundo as quais aviões israelenses teriam ultrapasado o território libanês e lançado, ontem, uma bomba sobre território libanês. (A.F.P.).

EDITORIAL VITÓRIA-LTDA
RUA DO CARMO 6, SALA 1306, 13º ANDAR

LEIA DIARIAMENTE IMPRENSA POPULAR

- O jornal que denuncia os responsáveis e as causas da miséria do povo.
- O jornal que ensina como unir o povo para lutar por uma vida melhor.
- O jornal que luta contra a guerra e pela independência nacional.

... friend ...
... ..

MARTIN FRANCISCO NO FLUMINENSE — Embora não se fale muito na saída de Zezé Moreira, sabe-se que em caso de o «coach» campeão Pan-Americano se mostrar mesmo irreduzível nos seus propósitos de abandonar o futebol, o Fluminense já tem um nome para substituí-lo. Seria o do técnico mineiro Martin Francisco, que aqui esteve muito recentemente, orientando o selecionado das «Alterosas».

FLUMINENSE VERSUS VASCO DA GAMA

OS CRUZMALTINOS PODERÃO SE SAGRAR HOJE CAMPEÕES DA CIDADE — VENCENDO, OS TRICOLORS AINDA ALIMENTARÃO ALGUMAS ESPERANÇAS — O MARACANÃ SERÁ O PALCO DA PELEJA ENTRE OS DOIS TRADICIONAIS RIVAIS —



BARBOSA — a última barreira cruzmaltina

Tiverem os tricolores conquistado uma vitória sobre o Bangu, na peleja que estes dois clubes travaram domingo último, e hoje o Estádio Municipal do Maracanã seria pequeno para conter a enorme massa humana que para lá iria a fim de assistir à partida que alguns cronistas batizaram precipitadamente como a batalha do ano.

VALERA UM CAMPEONATO

A pugna de hoje tem para os vascos um significado todo especial. Caso os pupilos de Gentil Cardoso consigam levar de vencida os rapazes da rua Alvaro Chaves, na peleja que os dois clubes travarão dentro de algumas horas, conquistarão o título de Campeões da Cidade, pois, ficaram a parados dos tricolores por seis

pontos e como restam apenas dois compromissos a serem saldados pelos defensores da camiseta cruzmaltina, elas nada influirão de vez que os vascos continuarão na liderança do certame com dois pontos, no mínimo, de vantagem sobre o segundo colocado.

JOGARÃO AS ESPERANÇAS

Os defensores do Fluminense jogarão na tarde de hoje as suas últimas esperanças de ainda se sagrarem campeões da cidade. Caso os pupilos de Zezé Moreira consigam se reabilitar do último insucesso, isto é,

Convocados Os Peruanos

LIMA, 10 (Do correspondente) — A Federação Peruana de Futebol, para o próximo Campeonato Sulamericano, requisitou os seguintes jogadores: goleiros: Novella, Asca e Allen; zagueiros: Brusch, Calderon, Bedoya e Goyoneche; médios: Villameres, Delgado, Donayre e Lavallée; atacantes: Cornelio, Heredia, Torres, Navarrete, Tito Drago, Barbadillo, Rivera, Reyes, Castillo, Davalos, Sanchez e Torrey.

FLUMINENSE
Castilho
Lafare
Pinheiro
Jair
Edson
Rico
Telo
Villalobos
Machado
Dial
Guinans

caso consigam derrotar os vascos, estes continuarão como líderes do certame mas, separados por apenas dois pontos dos tricolores e como ainda têm que enfrentar o Bangu, que recentemente derrotou o Fluminense, muitas surpresas poderão acontecer, existindo até a possibilidade de ficar empatado o atual certame.

NAO HA PROBLEMAS

Tanto Gentil Cardoso como Zezé Moreira não têm nenhum problema sério a resolver. Todos os craques que integram os plantéis, cruzmaltino e tricolor, encontram-se em excelentes condições físicas e técnicas e poderão ser lançados em campo pelos seus respectivos treinadores.

SERA UMA VERDADEIRA BATALHA

A peleja de hoje promete agradar, plenamente, a to-

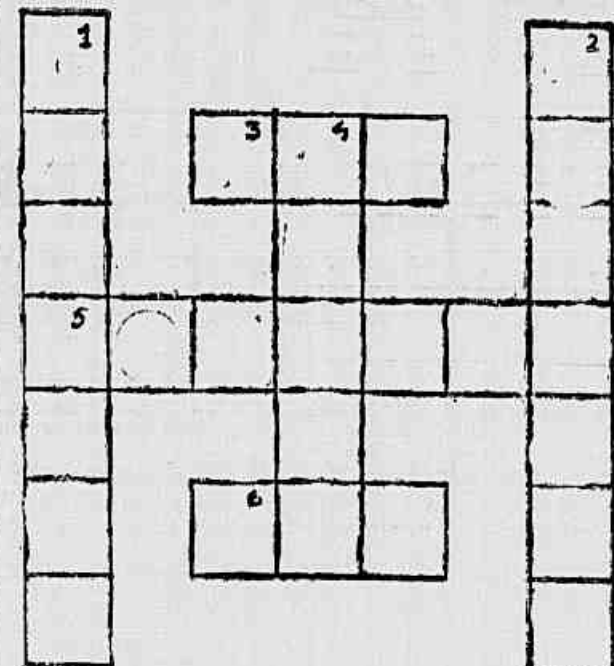
dos que se dispuserem a assisti-la, não só porque o seu resultado pode influir na colocação dos clubes neste final do certame, como pelo choque entre as duas equipes diferentes. Se os aspectos dos motivos não fossem suficientes, haveria ainda o desfile dos craques que compõem, no momento, as duas melhores equipes da Capital da República.

VASCO

Barbosa
Augusto
Hirrolfo
El
Danilo
Jorge
Sabará
Ipojuca
Ademir
Alfredo
Chico

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 46
(Para veteranos)



HORIZONTAIS

3 — Cada uma das seis diviões de cada tribo atlante.
5 — Motejo, expressão joiosa.
6 — De modo irregular ou diferente do que devia ser.

VERTICAIS

1 — Qualidade daquilo que é grato.
2 — Indolente, dominhoco.

1 — Nome de um estado do Brasil.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA Nº 45

HORIZONTAIS: 1 Alta; 4 Oca; 7 Lar; 8 Bar; 9 Mal; 11 A. V. L.; 12 Ari; 13 Tio; 14 Rádios; 17 Atacar; 19 Atos; 21 Luta; 23 Ramo.
VERTICAIS: 1 Al; 2 Tamara; 3 Arar; 4 Obvio; 5 Caloso; 6 Ar; 10 Lira; 11 Atir; 15 Aca; 16 Datam; 20 Si; 22 Ur.

QUATORZE DIAS EM S. LOURENÇO

Passarão os jogadores brasileiros, no preparo para o sul-americano — Convocação no próximo dia 15 — O Fluminense encerrará os seus jogos, na "Copa Montevideu", com os suplentes, o mesmo ocorrendo com o Botafogo

No próximo dia 15, voltará a se reunir o Conselho Técnico de futebol da C.B.D. Esta reunião reveste-se de um caráter importantíssimo pois que, na oportunidade, serão tomadas medidas concretas relacionadas com a nossa participação no Sul-Americano de Lima.

Primeiramente, sabe-se que será escolhido o nome do técnico, recaído a preferência geral, conforme pudemos constatar, na pessoa de Zezé Moreira, que tão bem se houve na disputa do recente Pan-

Americano. E o sr. Castelo Branco, já vem conversando com o treinador do Fluminense, a fim de que no dia 15, seja o seu nome homologado, como é desejo de todos.

Na mesma data, será então conhecida a lista dos elementos que serão convocados para o primeiro exercício. Sabe-se que o pensamento dos membros do Conselho Técnico caminha para os ensaios apenas 25 ou 30 jogadores, facilitando, desta maneira, o trabalho de seleção do «coach». No dia 2 de fevereiro, será realizado o primeiro treino. A

realização do primeiro treino. A embarcação os convocados provavelmente para São Lourenço, onde se submeterão a um período de ensaios leves e rápidos.

No dia 20 os 22 elementos que nos representam, serão enviados para Lima, onde se realizará a primeira partida. A partida será marcada para o dia 28, talvez contra o Equador ou a Bolívia, dependendo ainda da ordem dos jogos que for dada pelos organizadores da competição continental. No dia 29 de março, será encerrada a campanha nacional, retornando todos para a tempo de partir para o Rio de Janeiro. Fluminense e Botafogo não poderão ficar no

Uruguai com os elementos que foram convocados.

TAÇA PAULO GOULART

O Conselho Técnico, numa de suas últimas reuniões, resolveu transferir para o mês de março próximo, a disputa da tradicional Taça Paulo Goulart de Oliveira, que reúne as equipes representativas do Distrito Federal, São Paulo, Minas Gerais e Estado do Rio, na categoria de amadores. Como os campeonatos regionais estão com os seus termos, no Rio e em São Paulo, previsto para o final deste mês, resolveu-se pelo adiamento. As duas rodadas do torneio terão lugar a 1 e 8 de março. Os carlenses são os favoritos, nessa disputa.

Desde 1923, quando o Vasco da Gama ascendeu a primeira divisão, até esta data já realizou cinquenta e seis partidas entre vascos e tricolores, levando estes últimos alguma vantagem num campo geral. Os rapazes da camiseta cruzmaltina, quando do amadorismo, em dezesseis jogos conseguiram nove vitórias contra seis do Fluminense e três empates. Entretanto, com o advento do profissionalismo, esta supremacia foi liquidada e hoje são os tricolores que têm um saldo a favor.

Damos abaixo os jogos e os respectivos resultados nas partidas travadas entre os dois tradicionais adversários desta tarde desde 1923:

1923 — Vasco 1x0 e Vasco 2x1.

1924 — Não se defrontaram.

1925 — Vasco 2x1 e Fluminense 5x1.

1926 — Fluminense 2x1 e Vasco 3x0.

1927 — Empate 2x2 e Fluminense 4x3.

1928 — Empate 0x0 e Vasco 2x1.

1929 — Fluminense 2x1 e Vasco 2x1.

1930 — Empate 1x1 e Vasco 6x0.

1931 — Fluminense 2x1 e Vasco 3x2.

1932 — Fluminense 5x2 e Vasco 5x1.

Resumo de amadorismo: Jogos 18. Vitórias: Vasco 9 e Fluminense 6. Empates: 3. Gols: Vasco 38 e Fluminense 51.

1933 — Fluminense 8 x 1 e Fluminense 1x0.

1934 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1935 — e 1936 — Não se defrontaram.

1937 — Fluminense 2x0 e Vasco 3x2.

1938 — Vasco 5x3 e Empate 1x1.

1939 — Fluminense 2x0, Fluminense 3x0 e Fluminense 3x1.

1940 — Fluminense 2x0, Fluminense 1x2 e Vasco 2x0.

1941 — Fluminense 6x2, Fluminense 2x1, Fluminense 3x1 e Vasco 1x0.

1942 — Fluminense 4x1, Fluminense 1x0 e Fluminense 2x1.

1943 — Fluminense 3x0 e Empate 3x2.

1944 — Empate 8x8 e Fluminense 8x1.

1945 — Vasco 3x1 e Empate 1x1.

1946 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1947 — Vasco 2x0 e Vasco 3x2.

1948 — Vasco 5x3 e Vasco 2x0.

1949 — Vasco 5x3 e Vasco 2x0.

1950 — Fluminense 2x1 e Vasco 4x0.

1951 — Vasco 1x2 e Fluminense 3x2.

1952 — Fluminense 1x0 (primeiro tiro).

Resumo do profissionalismo: Jogos 40. Vitórias: Fluminense 22 e Vasco 12. Empates: 6. Gols: Fluminense 78 e Vasco 60.

Resumo geral: Jogos: 58. Vitórias: Fluminense 23 e Vasco 21. Empates: 8. Gols: Fluminense 106 e Vasco 89.

1953 — Fluminense 2x0, Fluminense 1x2 e Vasco 2x0.

1954 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1955 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1956 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1957 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1958 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1959 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1960 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1961 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1962 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1963 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1964 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1965 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1966 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1967 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1968 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1969 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1970 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1971 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1972 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1973 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1974 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1975 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1976 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1977 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1978 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1979 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1980 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1981 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1982 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1983 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1984 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1985 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1986 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1987 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1988 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1989 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1990 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1991 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1992 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1993 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1994 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1995 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1996 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1997 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1998 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

1999 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2000 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2001 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2002 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2003 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2004 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2005 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2006 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2007 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2008 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2009 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2010 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2011 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2012 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2013 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2014 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2015 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2016 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2017 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2018 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2019 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2020 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2021 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2022 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2023 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2024 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2025 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2026 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2027 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2028 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2029 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2030 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2031 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2032 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2033 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2034 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2035 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2036 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2037 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2038 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2039 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2040 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2041 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2042 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2043 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2044 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2045 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2046 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2047 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2048 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2049 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2050 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2051 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2052 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2053 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2054 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2055 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2056 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2057 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2058 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2059 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2060 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2061 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2062 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2063 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2064 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2065 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2066 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2067 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2068 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2069 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2070 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2071 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2072 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2073 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2074 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2075 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2076 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2077 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2078 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2079 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2080 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2081 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2082 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2083 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2084 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2085 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2086 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2087 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2088 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2089 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2090 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2091 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2092 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2093 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.

2094 — Vasco 2x1 e Vasco 1x0.



O cartaz avisa que é proibido tocar na carne! Mas trata-se de advertência inútil, porque a poeira se concentra e as moscas pousam livremente nas peças expostas sobre o balcão de madeira.

DEMAGOGIA E NEGOCIATA A VENDA DE CARNE DA COFAP

Além de tudo, a ausência total de higiene nos "açougues" instalados ao ar livre — Paraíso de moscas as peças do produto espalhadas nos balcões — A carne congelada não reúne as qualidades nutritivas indispensáveis — Ossos e pelancas vendidos a 12 cruzeiros — Vargas, sócio fornecedor dos frigoríficos estrangeiros

Embora a COFAP apresente, seguidas vezes, como uma grande realização de Vargas, a venda da carne congelada nos caminhões-frigoríficos e barracas, o fato concreto a que, ao invés de vantagens, o público encontra uma série de inconvenientes nesses açougues ao ar livre.

PESSIMA QUALIDADE

A começar pela qualidade do produto, questão já levantada por especialistas em nutrição, que apontaram a carne frigorificada como destituída de qualquer valor nutritivo, quase isenta de proteínas e com uma quantidade irrisória de carboidratos.

AUSENCIA DE HIGIENE

Chama logo a atenção de quem passa por uma barraca da COFAP, a grande quantidade de carnes deitando-se sobre o chão de madeira, perto de ruínas movimentadas, as peças de carne recebem a visita da poeira e de moscas, que pousam, aproveitando a oportunidade de refeição.

cobrados pela carne que dormiu longos anos no gelo sem o seu valor. Pela sorte, para desmascarar uma das grandes promessas de Getúlio, logo que o cidadão prometeu e os jornais da mídia anunciaram o fato com «manchetes» que, depois do empossado, fúria baixar o custo da carne fresca (note-se, fresca) para 4 cruzeiros. E ele, ao declarar tal coisa, o fazia autoritadamente, pois grande criador e exportador de gado no Rio Grande do Sul, bem sabia ser possível a venda da carne a Cr\$ 4,00, sem prejuízo. Depois de subir ao Catele, o velho latifundiário e criador viu que poderia continuar a vender seus rebanhos para os frigoríficos transformarem em conserva, com lucros espantosos. E com estes possuíam grande quantidade de carne congelada, já sem as qualidades nutritivas, ordenou a venda imediata dos estoques enalhados.

OS OSSOS E PELANCAS

Atualmente, as camadas de barracas, a COFAP cobra os seguintes preços pelo produto congelado: Carne Popular, constituída de sebo e ossos, autêntico «menu» para virilatas: Cr\$ 5,00. Esse artigo, embora custe relativamente pouco, as donas de casa vendem em compra-lo porque, na



Vista de uma barraca da COFAP, onde a carne é vendida sem o menor respeito às regras elementares de higiene.

melhor das hipóteses, o que conseguirão fazer com ele será uma sopa. Sopa reles — acrescentam.

Há a carne dita de primeira (?), com osso (menos ruim que a «popular», mas cujo peso é constituído de osso e pelanca. Custa 12,00 o quilo. Sem osso, embora seja muito sebo, é ven-

dido a 16 cruzeiro. E tem também o tal filé, que de filé, muitas vezes só tem mesmo o nome: Cr\$ 25,000.

O carneiro, amacorado de gordura que nenhuma utilidade tem para as cozinheiras, servindo mais para o «fritado de sabão», esse o COFAP expõe à venda, com a tabuleta de 10 cruzeiros o quilo.

DEMAGOGIA E NEGOCIATA De um lado, a venda da carne

CRIADA A FEDERAÇÃO DA JUVENTUDE BRASILEIRA

Foi criada ontem a Federação da Juventude Brasileira. A fundação dessa entidade juvenil ficou resolvida na sessão de encerramento da Conferência Nacional Pelos Direitos da Juventude e Pela Paz. Seu objetivo imediato será o de lutar pela realização das resoluções tomadas pelos conferencistas em nome dos jovens que lhes elegeram delegados. Prosseguirá a Federação como entidade de caráter permanente lutando em defesa da mocidade.

SESSÃO SOLENE

A Conferência Nacional pelos Direitos da Juventude e Pela Paz foi encerrada na noite de ontem, em solenidade realizada no Clube dos Cabanos. Após a sessão solene foi realizado um baile no qual compareceram além dos delegados, grande número de jovens do Distrito Federal.

CONTRA O ACORDO MILITAR

Os jovens delegados à Conferência aprovaram por unanimidade uma moção de repúdio ao «Acordo de Assistência Militar Matina Brasil-Estados Unidos». Condenaram o «acordo» como um pacto guerrreiro que se destina principalmente a levar os jovens brasileiros para a Coréia ou outras guerras de conquista, desvendadas pelos norte-americanos. Levantaram seu mais enérgico protesto contra o caráter colonizador do tratado que escraviza o Brasil, submetendo-o à condução de simples colônia dos Estados Unidos da América do Norte.

CONFERENCIA INTERNACIONAL

Os jovens brasileiros votaram uma moção de integral apoio à Conferência Internacional Pelos Direitos da Juventude e Pela Paz que se realizará em Viena no próximo mês de março. Tomaram a resolução de se fazerem representar por uma grande delegação em que tomem parte os jovens das mais diversas correntes de opiniões empenhados na luta pela defesa dos direitos da mocidade. O envio dessa delegação ficará a cargo da Comissão Organizadora.

Flamengo, 6 Botafogo, 3

Jogando ontem no estádio da Maracanã, com o público de Botafogo, venceu o Flamengo pela larga contagem de 6x3.

PELO DA A.M.A.S.

A propósito do comício contra o Acordo Militar, a A.M.A.S. (Associação Montesa de Ajuda e Solidariedade) lançou um manifesto do que

ra da Federação. Essa comissão, composta por 15 membros, foi eleita ontem na sessão noturna do encerramento do conclave juvenil.

DIREITOS ESTUDANTIS

A última sessão plenária da Conferência foi dedicada à defesa dos direitos estudantis. Presidiu a reunião a srta. Hendia Freire, secretária da Comissão Organizadora, tomando assento na mesa os chefes das delegações de Minas, S. Paulo, Paraná e Estado do Rio.

O presidente da União Paulista de Estudantes Secundários, em nome da delegação de seu Estado, propôs que os jovens brasileiros lutassem para o estabelecimento da gratuidade no ensino secundário e pela concessão de subvenções a todas as entidades representativas dos estudantes.

REBAIXA DAS TAXAS E MEN SOLIDADES

O estudante Guarneri, representante da Comissão de Estudantes Secundários, ora reunida nesta capital, comunicou aos conferencistas que o Conselho resolvera autorizar a entidade a patrocinar uma campanha nacional pela rebaixada das taxas e mensalidades escolares. Disse ainda do repúdio manifestado pelos estudantes do país ao pacto de guerra e colonização que nos querem impor os círculos governamentais dos Estados Unidos. Concluiu fazendo um apelo a todos os estudantes técnicos e universitários para que se unissem aos secundaristas nessa luta por melhores condições de ensino, em defesa da soberania nacional e da paz.

Falou ainda o estudante Paulo Rosales, do Rio Grande do Sul, sendo aprovada a

seu sugestão de que seja pedido aos poderes públicos a proibição da literatura infantil-juvenil que tenha como tema histórias de violência, pavor e crime.

Usaram também da palavra o delegado do Centro Acadêmico Alvaro Pena, da Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais e o observador enviado pelo Centro de Estudos Carlos Chagas, da Faculdade de Medicina da UMG, o estudante Guido Marcellos, de Pernambuco e outros.

OVACIONADOS PELOS TEXTOS

Vários delegados, dirigidos por membros da Comissão Organizadora do conclave, estiveram ontem na sede do Sindicato dos Trabalhadores em Fiação e Tecelagem do Rio de Janeiro. Os conferencistas, em nome da Juventude Brasileira prestaram significativa homenagem aos grevistas e disseram ter em Altair Paula Rosa um exemplo de jovem que sabe lutar por seus direitos. A grande massa de operários textiles que se encontrava no Sindicato ovacionou os representantes da mocidade durante vários minutos com prolongados aplausos e brados de aclamação.

Ato Público Em Jundiá

S. PAULO, 10 (Pelo telefone) — Realizou-se ontem, na Câmara Municipal de Jundiá, com a presença dos vereadores e numeroso público, um grande ato público contra o Acordo Militar Brasil-Estados Unidos. O principal orador foi o sr. Salvador Correa de Sá e Almeida, apresentando ao público pelo cineasta Carlos Ortiz,

Em Marcha Para . . .

Conclusão de 1ª. página. . . .

do jornalista Renato de Alencar, e em Cascadura, às 20 horas, na rua Silva Gomes, 21, com conferência do deputado Lobo Carneiro. Em Nova Iguaçu, na sede do Movimento Municipal dos Partidários da Paz, realizou-se um grande ato público contra o Acordo Militar.

Compareceram, entre outros elementos de destaque, o coronel Aristides Leal, o engenheiro Nissim Castiel, o dr. Nelson Cunha, o vereador Ademar Costa e o senhor Mário Campos.

Falaram, sendo muito aplaudidos, o dr. Nissim Castiel, o coronel Aristides Leal e o dr. Nelson Cunha.

PELO DA A.M.A.S.

A propósito do comício contra o Acordo Militar, a A.M.A.S. (Associação Montesa de Ajuda e Solidariedade) lançou um manifesto do que

MEUS MÉTODOS DE TREINAMENTO

Por EMIL ZATOPECK (Último de uma série de dois artigos)

«Para os Jogos Olímpicos de 1952, submeti-me a um treinamento análogo aos anteriores. Vale a pena ressaltar que este método, sem correr regularmente muitos quilômetros, me permitiu ganhar a maratona disputada em Helsinque, embora fosse a primeira vez, em toda a minha vida, que corresse nesta pista.

Desejaria que as minhas formas de ensaio, fossem adotadas por outros desportistas. Estou convencido de que reverteria em grande benefício para eles próprios. Sem embargo, devesse advertir que é necessário começar por pequenas doses, tal como eu o fiz.

Finalmente, devo dizer algumas palavras sobre meu desenvolvimento moral, ou mental, como queiram. Não é conveniente tratar o atletismo como uma pura questão de esforço físico. Ao início de minha carreira desportiva, era muito incho. Admirava os atletas que corriam mais rapidamente do que eu em alguns segundos e, quando treinava, fazia tudo o possível para superá-los, ainda que fosse somente por alguns segundos, com a finalidade de ser o «maior». Considerava o esporte como um meio pelo qual os mais capazes ad-

quiriam uma superioridade sobre os menos habilidosos.

Só depois de praticar o esporte durante vários anos, compreendi seu real valor. Então me senti melhor e mais satisfeito a pé alguns quilômetros ou realizar um trabalho físico, dava-me um enorme sentimento de satisfação. De qualquer forma, tudo me parecia cansado e nada me parecia mais difícil.

Uma vez, quando visitei meus pais, minha mãe teve oportunidade de dizer: «Emil, não corras tanto, pois isto te desgasta completamente». E eu respondi: «Sim, organiza então uma competição familiar e veremos qual dos cinco irmãos, será capaz de fazer mais».

Não podia, de maneira alguma, suportar a ideia de abandonar o esporte. Pelo contrário, lamentava que todos os meus compatriotas não praticassem o esporte como eu o fazia. Para mim, era evidente que o treinamento físico se tornava do grande utilidade e necessário para todos.

A cultura física, que antes só estava destinada a uns poucos, converteu-se atualmente numa parte importante da vida pública, em meu país. Basta simplesmente visitar um

campo de jogo ou um liceu, em qualquer momento, para que se veja sempre algo, sempre podendo se observar milhares de nossos jovens desportistas, entregando-se à prática saudável do esporte. Se durante o verão, vai-se ao campo e, no inverno, às montanhas, encontra-se invariavelmente milhares de rapazes e moças das fábricas e das escolas, passando suas férias e recreio. Nestes locais, não se faz nenhuma distinção entre os filhos dos operários, de funcionários ou dos que têm uma profissão liberal.

Não existe um cidadão em nosso país, segundo o qual não esteja satisfeito com o estado de coisas, e para um desportista como eu, isto representa um grande vexame maior.

Emil Zatepock (Fim).

Cumpra ao Congresso Rejeitar o Acôrdo

DECLARAÇÕES DO DEPUTADO ESTADUAL DE S. PAULO, TENENTE-CORONEL PORFÍRIO DA PAZ — FALA O PRESIDENTE DO SINDICATO DE ENFERMEIROS

S. Paulo, 10 (P.P.) — O deputado estadual Porfírio da Paz, do PTB, tenente-coronel do Exército, fez à imprensa as seguintes declarações:

«Entre os milhões de brasileiros que repulam a assinatura desse «Acôrdo», que considero profundamente humilhante para nossa Pátria, meço aos bríos de povo independente, como devemos continuar a ser.

Estão de parabéns os congressistas que cumprindo seu dever, não são de mandatários do povo, como também da brasileira opinião, e, necessariamente, pois, que os trabalhadores se alertam sobre o assunto.

Hoje publicamos a letra da canção de sua obra do Jaguarão (José da Silva) da Ala Galvão Desertinos. O título é «Homenagem a Você»:

«Mandei esquentar os tambores! Só pra ver você requebrar! A melodia que campus em sed! [louve]

Oh meu amor! Você vai gostar! Também construí um barracão! E me puse uma inscrição! Em homenagem ao nosso amor! A tarde irá para a janela! Muito baixinho a cantar! Espera o patinho chegar!

A noite iremos ao terreiro! Apreciamos o luar! Ao som de uma bela melodia! Eu quero ver! Você sambar! Um porvir risonho nos espera! Se eu quero crer! Que você goste de mim! Teus sonhos serão cor de rosa! Já que eu fico prosa! Algum sambado só para mim!

«Estação Primeira de Mangueira»: Outra de . . . , cord disposição e guinada para sair vitoriosa, é a «Estação Primeira de Mangueira». O «X» pôde que precisa dar um pulinho e, ali na redação, para contar as novidades da Escola.

CORRESPONDENTE As entidades carnavalescas poderão ter publicidades em nosso jornal, as notícias referentes às suas atividades.

Enderecem suas correspondências: LUIZ, seção «Esquentando os Tambores», IMPRENSA POPULAR, rua Gustavo Lacerda, 19 sobre- . . .

ESQUENTANDO OS TAMBORINS

ANIVERSARIO DA ACC Amanhã, a entidade que congrega grande número dos cronistas de Carnaval, a ACC, está fazendo aniversário, comemorando seus 11 anos de existência dedicada ao registro das festas carnavalescas. E, além de registro, colaboração ativa para brilho maior do Carnaval Carioca. Como parte do programa do dia, será rezada, às 10 horas, missa pelos cronistas carnavalescos já falecidos sendo às 13 horas oferecido um coquetel aos clubes carnavalescos, autoridades e à imprensa.

A inauguração da nova sede social (própria), na Avenida Presidente Vargas, 509, 22º andar, está marcada para o dia 21, ocasião em que haverá uma sessão solene. Depois, para que não digam que cronista não brincam, aninhando baile.

RAINHA DO CARNAVAL Este ano foi escolhido completamente o critério para escolha da Rainha do Carnaval, no concurso promovido pela Associação dos Cronistas Carnavalescos. Ao invés de vozes vendidas, a eleição da Rainha será por um júri, composto de jornalistas, artistas plásticos, etc. Até agora, estão registradas nas seguintes candidatas: Helenita Correta, Embaixatriz do Nordeste; Carmen Brasil; Isabel Molina, esperando-se a inscrição de outras.

DIA DE «BONS APETITES» Hoje, para a crônica carnavalesca, será um dia de almoço à Embaixada do Sossego. Já a Associação Atlética do Bunker do Brasil escolheu para homenagear a rapaziada carnavalesca dos jornais, uma folheada que promete. Por sua vez, no Clube dos Embaixadores, antiga Embaixada do Silêncio, Barrinhos está dando as ordens para que o jantar dos cronistas, saia conforme o figurino. . . .

Logo mais, das 13 horas em diante a turma alegre do gremio da Avenida Teófilo de Castro estará em plena farras. É que o «tribuna» não é só de futebol. Portanto. . .

MADUREIRA ATLETICO CLUBE No Madureira a coisa também promete. Pois a diretoria do clube fará uma homenagem prática aos associados: grande festa carnavalesca, com início às 20 horas.

ALMOÇO QUINZENAL DO «BOLA PRETA» Ao que consta, a estas horas, tudo está preparado na sede do «Bola Preta», para o almoço quinzenal dos associados. «Bolas» e «bolinhas» estão a 16 horas, quem ficar parado no to, mesmo porque, depois das

16 horas, quem ficar parado no salão estará infringindo o «regulamento da alegria».

PIERROTOS DA CAVERNA E DEMOCRATICOS Haverá festa hoje nos «Pierrots da Caverna». E' voz corrente, que será proibida a entrada de quem estiver triste. Identica medida será tomada na sede dos Democráticos.

GRITO DE CARNAVAL DOS «BAETAS» Os «Tenentes do Diabo» darão início, hoje, à noite, as suas atividades carnavalescas. Aliás, já era mesmo tempo de darem seu «Grito de Carnaval» os tri-campeões do Carnaval Carioca.

PELAS ESCOLAS CARTOLINHAS DE CAIXIAS — Os cartolinhas fluminenses andam firmes nos preparativos de Carnaval. Enxutas de sambistas e tudo o mais está sendo olhado com atenção e carinho por parte da diretoria.

«VAI SE QUISER» — No seu reduto, Jacarepaguá, a veterana «Vai se Quiser» — dizem por lá — está afiada quem navalha, disposta mesmo a fazer sucesso no desfile das Escolas.

«UNIDOS DE VILA ISABEL» — No bairro de Noel, a «Unidos» goza de um prestígio, que alita é merecido. Segundo informações trazidas por um sambista de lá, foi dada ordem secreta para os componentes: Vocês trabalham direitinho, que só nos serve o 1º lugar. Vamos ver. . .

«Filhos do Deserto»: Acontece que a disputa do 1º posto continuará também com os «Filhos do Deserto», envolvidos a ficar com o bacião da vitória.

Hoje publicamos a letra da canção de sua obra do Jaguarão (José da Silva) da Ala Galvão Desertinos. O título é «Homenagem a Você»:

«Mandei esquentar os tambores! Só pra ver você requebrar! A melodia que campus em sed! [louve]

Oh meu amor! Você vai gostar! Também construí um barracão! E me puse uma inscrição! Em homenagem ao nosso amor! A tarde irá para a janela! Muito baixinho a cantar! Espera o patinho chegar!

A noite iremos ao terreiro! Apreciamos o luar! Ao som de uma bela melodia! Eu quero ver! Você sambar! Um porvir risonho nos espera! Se eu quero crer! Que você goste de mim! Teus sonhos serão cor de rosa! Já que eu fico prosa! Algum sambado só para mim!

«Estação Primeira de Mangueira»: Outra de . . . , cord disposição e guinada para sair vitoriosa, é a «Estação Primeira de Mangueira». O «X» pôde que precisa dar um pulinho e, ali na redação, para contar as novidades da Escola.

CORRESPONDENTE As entidades carnavalescas poderão ter publicidades em nosso jornal, as notícias referentes às suas atividades.

Enderecem suas correspondências: LUIZ, seção «Esquentando os Tambores», IMPRENSA POPULAR, rua Gustavo Lacerda, 19 sobre- . . .

Oconteceu NA CIDADE

Tragédia em São Cristóvão

Sangrenta cena verificou-se ontem, nos primeiros minutos da madrugada, na habitação colada à rua Henrique Chaves, 8, em São Cristóvão. Naquela local, um casal, Valtor de Souza Dias e Marina dos Santos, discutia acaloradamente por questões de ciúme. Ele, julgando que a mulher o enganava. Ela, defendendo-se das acusações.

Depois de algum tempo, vizinhos escutaram um estampido, seguido de gritos da Marina que saiu do quarto banhada em sangue, pedindo socorro nos gritos. Foi providenciada uma ambulância do Hospital do Pronto Socorro, para onde conduziram a vítima. Horna mais tarde, faleceu, em consequência das graves ferimentos recebidos no tórax e braço esquerdo. O criminoso fugiu, estando a polícia no seu encalço.

Crime de morte em Nova Iguaçu

Ontem pela manhã foi encontrado em Nova Iguaçu, na rua Carlos Gomes, em frente do prédio n.º 4, o cadáver de um homem, identificado mais tarde como sendo Domingos Alves da Silva, solteiro, operário, de 22 anos. Apresentava ferimento no peito, e, num dos bolsos do casaco, encontrava-se um punhal. Pouco depois, apurou-se que Domingos, ante-ontem, andara bêbado com um indivíduo conhecido como Salim Jacó, relatando sobre este suspeito de ser o autor do homicídio. Com a falta das autoridades locais, o corpo veio para o necrotério do Instituto Médico Legal.

Despedida, suicidou-se

Fulminado pela carga elétrica

do temporal de dias atrás.

A Light não providenciou os reparos, de modo que Alfredo, que executou-lhe por conta e risco. Morreu eletrocutado, sendo seu corpo removido, após formalidades de costume, para o necrotério do I.M. Legal.

DESPEDIDA, SUICIDOU-SE

Pelo fato de ter sido despedida da casa onde trabalhava como doméstica, na rua Duvidier, 49, apartamento 602, a jovem Maria Lúcia, de 18 anos, solteira, ingeriu poderoso tóxico, falecendo quando recebeu socorros no Hospital Miguel Couto. Sobre-se posteriormente que a infeliz Maria ficara desesperada com a ordem para sair de casa, dada pela patroa, pois não dispunha de qualquer conhecimento aqui no Rio.

Despedida, suicidou-se

Fulminado pela carga elétrica

do nas águas, o corpo de um homem, de 40 anos calculadamente, cor preta, trajando apenas um calção de banho, já em avançado estado de decomposição. A polícia marítima fez remover o cadáver para o necrotério onde aguardará, durante certo tempo, identificação.

Colisão de veículos

Dirigido pelo comerciante Manoel Alves Carneiro, de 55 anos, solteiro, residente na Praia do Botafogo, 22, o auto chapa 10-17-70, ontem pela manhã, na Praça Paris, bateu violentamente de encontro a um outro, de chapa ignorada. O motorista e um ocupante do veículo, Alberto Fernandes Carriço, barbeiro, de 30 anos, domiciliado à rua Senador Pompeu, 7-A, sofreram ligeiros ferimentos, retirando-se após receber curativos no Posto Central de Assistência.

Quis matar-se com fogo

Deu entrada no Hospital Getúlio Vargas, onde foi em seguida internada para tratamento, o lavrador Boaventura José de Cerqueira, que apresentava graves queimaduras de 1.º, 2.º e 3.º grau. Pessoas que o conduziram, de automóvel, até o nosocômio, declararam ter o agricultor tentado dar cabo da vida, embebendo as roupas com querosene, ateando-lhe fogo. Os médicos do Getúlio Vargas, examinando Boaventura, manifestaram serem mínimas as esperanças de salvamento.

catos os demais diretores, entre os quais Josias da Silva e Rodrigues Gonçalves, que desmascararam o golpe do pelégo Roberto. Não havia proposta alguma. O papel apresentado não era mais do que um apatilhado dos entendimentos havidos entre o proprietário da Maracanã e a referida «comissão».

Com a volta ao trabalho os operários da já nada reconheciam. Novamente foi colocada a «proposta» em votação e rejeitada esmagadamente. Logo após, a diretoria, Comitê de Greve e Comissão de Salários apelaram aos operários da lá ali presentes para que avisassem os companheiros de prosseguimento da greve.

AUDIENCIA COM GETULIO

Ontem pela madrugada, partiram os piquetes de greve para as fábricas de lá, conseguindo esvaziar os companheiros iludidos e fazê-los regressar ao Sindicato. Faltou dessa forma o novo golpe dos industriais, que, desesperados como estão, utilizam-se de todos os meios para tentar esfratear a greve. Seus esforços mais uma vez fracasaram, e o movimento continua firme como antes. A impressão geral dos grevistas é a de que muito breve os apêtrios cederão, e suas manobras não são mais que sinais de fraqueza.

Espera-se que, após a reunião dos patrões, a realidade se amacise no Centro Industrial, venha uma proposta concreta e em bases razoáveis. Mesmo assim,

toria que seja atendida até quarta-feira próxima. Referindo-se ao fato, declarou o 2º secretário do Sindicato, sr. Josias Silva:

— Se o presidente da República estivesse ao nosso lado, ele interviria na questão.

Amanhã à tarde terá lugar no Sindicato dos textiles uma assembleia especial de esclarecimento aos operários das fábricas de lá, quando o Sindicato mostrará a mais uma vez o verdadeiro caráter do golpe tentado pelo ex-presidente da entidade e sua camarilha de turques.

Ato Público Contra o Acôrdo Militar

Realiza-se amanhã, às 20 horas, na A.B.I., importante ato público contra o Acôrdo Militar Bra-Il-Estados Unidos. Participam a reunião os srs. Laurindo Melo, presidente da União Fluminense de Estudantes, Edson Fontotele, presidente do Grêmio dos Residentes na Casa do Estudante do Brasil, e dr. Juan Pablo, presidente do Diretório Acadêmico Lafaleite Córtes.

Para essa solenidade convidamos o povo e, especialmente, os estudantes cariocas e da capital fluminense.

Os operários da Mavilla-Bonfim armaram uma barraca no pátio do Sindicato, onde se abrigam da chuva e reúnem-se para resolver os problemas internos.

catos os demais diretores, entre os quais Josias da Silva e Rodrigues Gonçalves, que desmascararam o golpe do pelégo Roberto. Não havia proposta alguma. O papel apresentado não era mais do que um apatilhado dos entendimentos havidos entre o proprietário da Maracanã e a referida «comissão».

Com a volta ao trabalho os operários da já nada reconheciam. Novamente foi colocada a «proposta» em votação e rejeitada esmagadamente. Logo após, a diretoria, Comitê de Greve e Comissão de Salários apelaram aos operários da lá ali presentes para que avisassem os companheiros de prosseguimento da greve.

Ontem pela madrugada, partiram os piquetes de greve para as fábricas de lá, conseguindo esvaziar os companheiros iludidos e fazê-los regressar ao Sindicato. Faltou dessa forma o novo golpe dos industriais, que, desesperados como estão, utilizam-se de todos os meios para tentar esfratear a greve. Seus esforços mais uma vez fracasaram, e o movimento continua firme como antes. A impressão geral dos grevistas é a de que muito breve os apêtrios cederão, e suas manobras não são mais que sinais de fraqueza.

Espera-se que, após a reunião dos patrões, a realidade se amacise no Centro Industrial, venha uma proposta concreta e em bases razoáveis. Mesmo assim,

Os operários da Mavilla-Bonfim armaram uma barraca no pátio do Sindicato, onde se abrigam da chuva e reúnem-se para resolver os problemas internos.

catos os demais diretores, entre os quais Josias da Silva e Rodrigues Gonçalves, que desmascararam o golpe do pelégo Roberto. Não havia proposta alguma. O papel apresentado não era mais do que um apatilhado dos entendimentos havidos entre o proprietário da Maracanã e a referida «comissão».

Com a volta ao trabalho os operários da já nada reconheciam. Novamente foi colocada a «proposta» em votação e rejeitada esmagadamente. Logo após, a diretoria, Comitê de Greve e Comissão de Salários apelaram aos operários da lá ali presentes para que avisassem os companheiros de prosseguimento da greve.

Ontem pela madrugada, partiram os piquetes de greve para as fábricas de lá, conseguindo esvaziar os companheiros iludidos e fazê-los regressar ao Sindicato. Faltou dessa forma o novo golpe dos industriais, que, desesperados como estão, utilizam-se de todos os meios para tentar esfratear a greve. Seus esforços mais uma vez fracasaram, e o movimento continua firme como antes. A impressão geral dos grevistas é a de que muito breve os apêtrios cederão, e suas manobras não são mais que sinais de fraqueza.

Espera-se que, após a reunião dos patrões, a realidade se amacise no Centro Industrial, venha uma proposta concreta e em bases razoáveis. Mesmo assim,

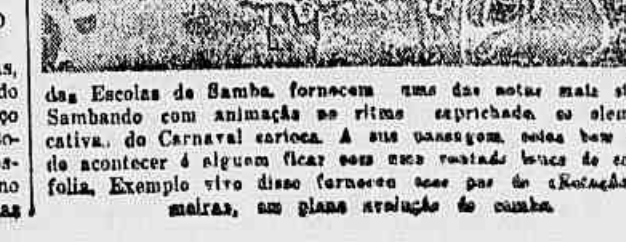
Os operários da Mavilla-Bonfim armaram uma barraca no pátio do Sindicato, onde se abrigam da chuva e reúnem-se para resolver os problemas internos.

catos os demais diretores, entre os quais Josias da Silva e Rodrigues Gonçalves, que desmascararam o golpe do pelégo Roberto. Não havia proposta alguma. O papel apresentado não era mais do que um apatilhado dos entendimentos havidos entre o proprietário da Maracanã e a referida «comissão».

Com a volta ao trabalho os operários da já nada reconheciam. Novamente foi colocada a «proposta» em votação e rejeitada esmagadamente. Logo após, a diretoria, Comitê de Greve e Comissão de Salários apelaram aos operários da lá ali presentes para que avisassem os companheiros de prosseguimento da greve.

Ontem pela madrugada, partiram os piquetes de greve para as fábricas de lá, conseguindo esvaziar os companheiros iludidos e fazê-los regressar ao Sindicato. Faltou dessa forma o novo golpe dos industriais, que, desesperados como estão, utilizam-se de todos os meios para tentar esfratear a greve. Seus esforços mais uma vez fracasaram, e o movimento continua firme como antes. A impressão geral dos grevistas é a de que muito breve os apêtrios cederão, e suas manobras não são mais que sinais de fraqueza.

Espera-se que, após a reunião dos patrões, a realidade se amacise no Centro Industrial, venha uma proposta concreta e em bases razoáveis. Mesmo assim,



LEVANTA-SE O CLAMOR PÚBLICO CONTRA O ACÓRDO DE ESCRAVIZAÇÃO

NÃO O ACEITAMOS PORQUE SOMOS BRASILEIROS — EM TODA PARTE ONDE SE CONHEÇAM OS TERMOS DO TRATADO, LEVANTA-SE A VOZ DO PATRIOTISMO PARA CONDENAR O CRIME QUE VARGAS PRETENDE COMETER CONTRA A PÁTRIA — A OPINIÃO DESSES PATRIOTAS DE TODAS AS TENDÊNCIAS NÃO PODE DEIXAR DE SER OUVIDA POR TODO O NOSSO POVO

As vésperas da reabertura do Parlamento, intensifica-se nacionalmente a luta do povo contra a ratificação do monstruoso Acordo de Assistência Militar Brasil-Estados Unidos.

Nunca, em nossa história, um tratado levantou, como bem o disse o sr. Artur Bernardes, tamanho «clamor público» em nosso país. E por quê? Justamente porque constitui a maior afronta até agora tentada contra a honra e a soberania nacionais, a maior ameaça à vida, à liberdade e ao futuro do povo.

Isto pode-se provar, tanto pela análise do Acordo, já exaustivamente feita em várias ocasiões como pelo número verdadeiramente impressionante de homens públicos responsáveis, de todas as

tendências políticas, que se erguem contra a ratificação do tratado.

As declarações de personalidades que abaixo relacionamos são por si suficientes para demonstrar que nenhum brasileiro digno pode suportar a aprovação e a aplicação dessa carta de colonização. Tal unanimidade de opiniões contra o Acordo não pode significar outra coisa: todo o nosso povo, nas suas mais diversas camadas, se sente ferido e humilhado com o pacto de guerra e escravidão.

E' necessário derrotá-lo. Seria uma humilhação sem termo para a nossa Pátria e a ruína para os nossos lares se chegasse a ser aplicada no Brasil esta monstruosa lei americana.

JEAN PAUL SARTRE



O QUE VI EM VIENA É A PAZ

UM DOCUMENTO SENSACIONAL, QUE PUBLICAMOS NA 4ª PÁGINA DESTA CADERNO

CONTRA OS PACTOS BI-LATERAIS OS POVOS DO MUNDO

RECOMENDAÇÕES DO CONGRESSO De Viena Sobre a Independência E a Segurança de Todos os Povos

A Comissão sobre os problemas da independência e da segurança proclama unanimemente que o respeito ao direito de cada povo escolher livremente seu modo de vida, a salvaguarda da independência nacional e a garantia da segurança de todos os países, grandes e pequenos, apresentam-se cada vez mais como as condições essenciais para a manutenção da paz.

A segurança e a independência nacionais de um país não poderiam ser garantidos ali onde esse país é arrastado a um pacto contrário ao espírito da carta da ONU e dirigido, contra uma ou várias outras potências, ali onde tropas, bases ou comandos militares estrangeiros são instalados sobre seu território: isto pode chegar a lançá-lo numa guerra sem seu povo e suas instituições legais o tenham consentido.

A Comissão ressalta particularmente o perigo que resulta, para a paz em geral, das expedições militares coloniais que, agravando a opressão dos povos dominados, criam focos de guerra que ameaçam se estender.

A segurança e a independência nacional de todos os países, grandes e pequenos, não

poderiam ser asseguradas se o espírito de negociação não substituir, em todas as circunstâncias internacionais.

O reconhecimento desses princípios deve tancar o recurso à força para a solução das controvérsias internacionais. Um pacto de paz entre os Cinco Grandes Potências, que se apresenta como a condição indispensável para o retorno da ONU à função pacífica que os povos lhe determinaram na Carta de San Francisco. Ele permitirá às Nações Unidas escutar a voz dos povos, tanto pela participação de representantes legítimos do grande povo chinês como pela admissão dos quatorze países aos quais a ONU, ela mesma, reconheceu o direito de participação. Ele assegurará efetivamente aos povos a possibilidade de fazer ouvir e de fazer prevalecer sua vontade de paz.

— X —

É à luz de tais princípios que a comissão estudou os problemas que atraem a atenção de todos os homens amantes da paz: a atual situação da Alemanha, da Áustria, do Japão e dos países coloniais, semi-coloniais ou dependentes.

O PROBLEMA ALEMÃO

A Comissão tomou, inicialmente, conhecimento das propostas feitas pela conferência internacional realizada em Berlim de 8 a 10 de novembro de 1948, visando a dar um desenvolvimento ao espírito da Carta de Viena e a garantir a segurança de seus membros.

Ela se aprovou e se tornou plenamente suas.

Essas propostas representam a vontade de camadas cada vez mais amplas da opinião pública.

Ora, os governantes ocidentais esforçam-se por acelerar a integração da Alemanha ocidental no dispositivo atlântico. Isso resulta crescente perigo de guerra. Mas, ao mesmo tempo, a pressão da opinião pública conseguiu retardar a ratificação dos acordos de Bonn e de Paris. Está ao poder dos povos impedir, definitivamente, que eles sejam postos em execução.

A Comissão apela, portanto, aos povos visados por esses acordos para que revoquem suas forças para se oporem à sua ratificação pelos parlamentos, assim como à sua aplicação, sob qualquer forma.

Apela a todos os outros povos para os denunciar e lançar à luta o peso de sua ação. Apela aos povos para reunir suas forças a fim de obter que os governantes das Quatro Grandes Potências, que foram investidas, a este respeito, pelos acordos de Potsdam, e a Carta da ONU, reuniram-se imediatamente numa conferência encarregada de preparar, com a participação dos próprios alemães, o tratado de paz que deve constituir a reunificação da Alemanha sobre uma base democrática e pacífica e solucionar todos os problemas no espírito dos acordos de Potsdam.

Esse tratado deverá dar à Alemanha sua independência e seu direito nacional de dispor de si mesma.

Por um tal tratado, que comprometerá a Alemanha assim reunificada e independente, a não participar de nenhuma aliança que possa ser dirigida contra um outro Estado, serão igualmente garantidas para os povos vizinhos da Alemanha, a segurança, a integridade territorial e a independência.

A Comissão aprova particularmente, sobre este ponto, a resolução da Conferência de Berlim que pede que nenhum poder seja entregue, na Alemanha, às forças nazi-fascistas e aos homens que já, no passado, tanto mal fizeram a esse país e ao mundo, e que seja interdita toda atividade militarista ou neo-hitlerista.

Ela aprova a Declaração da delegação da toda a Alemanha à Conferência de Berlim que proclama que o povo alemão, na sua grande maioria, recusa, no interesse de sua existência e de sua independência nacional, participar de alianças militares e pactos que poderiam servir para preparar a guerra e que uma «Alemanha reunificada e ligada à paz existirá todas as propostas e todas as medidas que visem a um desarmamento geral de todos os povos».

SOBRE A QUESTÃO DA AUSTRIA

A Comissão pronuncia-se, igualmente, para que se retomem o mais rapidamente possível as negociações entre as quatro grandes potências sobre o tratado de Estado com a Áustria. A respeito do conjunto desse tratado, com exceção de alguns pontos, o acordo já se realizou.

O PROBLEMA DO JAPÃO

A Comissão, após ter-se inteiramente de acordo sobre a questão japonesa, adotada em Pequim a 18 de Outubro de 1948, pela Conferência da Paz dos países da Ásia e do Pacífico, aprova, fazendo-a inteiramente sua.

As principais disposições desta resolução apresentam-se como se seguem:

1. Em face da tensa situação na região da Ásia e do

Pacífico, provocada pela conclusão ilegal do Tratado de separação assinado em San Francisco com o Japão, todos os países interessados devem concluir com ele um Tratado de Paz de caráter geral conforme os princípios e o espírito da Declaração de Potsdam e de outros acordos internacionais relativos à questão japonesa.

2. Todas as tropas estrangeiras devem ser imediatamente retiradas do território japonês. Nenhuma potência estrangeira pode ser autorizada a manter tropas no Japão.

GENERAL ESTILLAC LEAL

«E, pois, evidente que a tão necessária cooperação do Brasil à reconstrução do mundo livre está sendo impedida, sem nenhuma vantagem para a comunidade nacional, em proveito exclusivo do pequeno grupo de brasileiros e seus associados alienígenas, que assim estão servindo não só aos seus próprios interesses próprios como também aos que buscam espoliar as verdadeiras bases da segurança das democracias: o fortalecimento econômico, o bem-estar das massas laboriosas e a paz social».

Essa política ampliada em acordos ligeiros, de textos anseiosos de dúvidas e de manifesta unilateralidade, servirá apenas para transferir para o Brasil as perturbações generalizadas em todos os países submetidos ao domínio ou exploração das grandes potências, com prejuízo da cooperação espontânea, indispensável à defesa do mundo democrático. Tais acordos fazem-nos recordar a fábula de La Fontaine, da panela de ferro e da panela de barro...

Somente agora lemos o acordo negociado pelo Itamaraty. E da sua leitura concluímos serem perfeitamente fundadas, procedentes e patrióticas as críticas, objeções e restrições, que estão sendo levantadas pela imprensa independente e pelo Congresso, essas grandes tribunas da opinião popular. Não compreendemos ainda que a elaboração de um pacto para a defesa do hemisfério não tenha sido precedida de entendimentos amplos entre as nossas diversas repúblicas sul-americanas, a bem da unidade de ação e da conjugação de esforços imprescindíveis à solidez do sistema e à eficiência e harmonia de seu funcionamento. Ou, então, o fim colimado não é o que se lê no documento em apreço. Daí, possivelmente, a ambiguidade e a falta de clareza do texto do acordo, acerto pela nossa chancelaria e que se procura elucidar como de responsabilidade e autoria dos militares.

EX-PRESIDENTE ARTUR BERNADES

«Tive ensejo de dizer a amigos que me ouviram a respeito, que nenhum dever de solidariedade partidária pode ser invocado para compor parlamentares de qualquer corrente a votar pela aprovação do Acordo Militar Brasil-Estados Unidos. Não só esse tratado é altamente lesivo ao nosso país, e humilhante, como encerra, quando muito, simples promessas do governo brasileiro, condicionadas a aprovasse estaria fazendo já a sua dissolução».

DEPUTADO GENERAL LIMA FIGUEIREDO

«Neste ponto não diverjo do deputado Hélio Cabal: S. Excia. afirma que este acordo defensivo, acordo para a defesa do hemisfério, vai transformar-se num acordo militar ofensivo, porque ele pode estabelecer um estado de fricção entre a Argentina e o Brasil».



nos termos constitucionais à aprovação pelo Poder Legislativo.

De resto, o convênio levanta verdadeiro clamor público, o que vem mostrando que a opinião o repudia.

Além disso, os últimos documentos apresentados sobre este projeto, dando a impressão de que uma Câmara, que, o



IMPRENSA POPULAR

PEDRO MOTTA LIMA

EDIÇÃO DOMINICAL

RIO DE JANEIRO, 11 DE JANEIRO DE 1953

isto é, na Europa, na Ásia, na África ou na Oceania». (De um aparte na Câmara).

DEP. HÉLIO CABAL, DO P. R.

«As obrigações americanas por força do Art. 1.º do Acordo são mutáveis, pois diz-se no mencionado dispositivo, na Europa, na Ásia, na África ou na Oceania».

relativamente ao Brasil, no Acordo. Também está previsto que se determinem cláusulas a menos que os Estados Unidos da América anuem contrário, são de vigência indefinida para o Brasil.

Além disso há mais respeito de unilateralidade. O Acordo só entrará em vigor depois da ratificação pelo Congresso Nacional. Isto é, depois que, pelos órgãos institucionais e constitucionais, o Brasil adotá-lo como lei interna e como obrigação externa. Esta obrigação, no entanto, não existe para o Governo americano.

A vista do exposto, Sr. Presidente, vê-se claramente que o Acordo não é de assistência, isto é, de fornecimento recíproco de armas, de equipamentos, de materiais, graças aos quais as duas partes aumentem e aperfeiçoem a sua capacidade militar. Não! Como vemos, é, na realidade, uma aliança militar ofensiva, com cláusulas onerosas e inconvenientes para o país.

(Discurso pronunciado na Câmara em 5 — 12 — 52).

DO GENERAL HENRIQUE CUNHA

«Trata-se de um pacto de mesma natureza dos tratados bilaterais que os Estados Unidos tentaram impor a vários países da América Latina. Além dos vultuosos prejuízos materiais que acarreta fere frontalmente a nossa soberania».

Por ele o Brasil assume obrigações unilaterais, sujeitando-se a alianças para participar de aventuras guerreiras, o que atenta contra a nossa Constituição.

«Todas as nossas possibilidades de emancipação econômica, baseadas na industrialização, correm grave risco com a evasão para a América do Norte das matérias primas estratégicas e radio-ativos».

Assim, todos os que lutam pela libertação econômica da nossa Pátria devem cerrar fileiras numa ampla frente única popular no sentido de conseguir que o Congresso Nacional repudie o Acordo Militar Brasil-Estados Unidos».

GENERAL EDGARD BUXBAUM

Que consequências poderá trazer este Acordo para o povo brasileiro, se for ratificado pelo Parlamento?

Se este acordo for ratificado, nossa sociedade poderá ser mandada para morrer nos campos de batalha da Coreia e de outras partes do mundo, não em defesa dos interesses nacionais, mas em holocausto dos interesses dos Estados Unidos.

quências serão ainda mais calamitosas para a vida do povo brasileiro.

Se este acordo for ratificado, nossos recursos materiais, nossos recursos estratégicos — o petróleo, o ferro, o manganês, as monedas táticas, o urânio — serão desviados e entregues obrigatoriamente às indústrias de guerra norte-americanas, com grave prejuízo para a

Os Que Defendem o Acôrdo Militar Não São Brasileiros... Mas Agentes dos Escravizadores Norte - Americanos

JOAO NEVES DA FONTOURA — E' o defensor da teoria da enlaçamento progressiva da soberania nacional, ou seja, da destruição da independência dos povos pela sua submissão ao governo dos EE. UU.

RAUL FERNANDES — Em Conferência na Escola Superior de Guerra investiu contra o que ele chama de «conceito obsoleto da soberania», o que tem o mesmo sentido da teoria da tração do sr. Neves da Fontoura.

ASSIS CHATEAUBRIAND — E' o campeão da defesa do «Acordo na imprensa e na tribuna do Senado. Dessa mesma tribuna declarou: «Se eu fosse Presidente da República entregaria o país à Standard Oil».

GOES MONTEIRO — Agente hitlerista, à época do nazismo, condecorado por Hitler por «serviços relevantes prestados à Alemanha». Depois da derrota do nazismo passou a servir ao fascismo lanque.

GUSTAVO CAPANEMA — Declarou a uma comissão paulista, presidida pelo general Leonidas Cardoso, que foi à Câmara protestar contra o Acordo Militar: «Se eu fosse ministro do exterior não assinaria este tratado. Como líder do governo, devo porém defendê-lo na Câmara».

E' o traidor consciente que se vende por um emprego de Getúlio.

... E GETULIO — O velho agente do imperialismo americano chegou ao dislante de declarar, num discurso a 7 de Setembro de 1951, que «já havia passado a época do imperialismo, que não havia mais o saque imperialista dos povos. Isto, justamente, quando nosso país calada vez mais sob as garras dos trustes de Wall Street».



Se este Acordo for ratificado, nossos Forças Armadas poderão ser submetidas ao comando do estado-maior norte-americano, nossas bases militares poderão ser ocupadas por soldados norte-americanos e a soberania de nossa Pátria, será, na prática, alienada a um país estrangeiro.

Se este Acordo for ratificado, toda a economia brasileira será deformada no sentido da guerra, diminuirá a produção de gêneros alimentícios e deverá agravar-se terrivelmente a carestia de vida entre o povo.

nossa economia e o futuro da nação brasileira.

Em poucas palavras, este Acordo significa a maior ameaça já surgida até hoje no sentido de envolver o Brasil na guerra e de aniquilar a soberania nacional em favor de uma potência estrangeira.

Este documento representa, por tudo isso, um desafio aos sentimentos de paz e ao acendrado patriotismo de nosso povo, cujo repúdio às manobras guerreiras e anti-nacionais vem crescendo de dia para dia.

(Conclui na 2ª. Página)

O POVO VENCEU A PRIMEIRA BATALHA

As encerrar a sessão legislativa de 1932 o povo brasileiro alcançou uma considerável vitória em sua luta contra a ratificação, pelo Congresso, do Acordo Militar com os Estados Unidos.

Firmado a 15 de março do ano passado, pelo ministro das Relações Exteriores e pelo embaixador dos Estados Unidos, o Sr. Getúlio Vargas, não querendo perder tempo, despachou-o imediatamente à Câmara, juntamente com exposição do Sr. João Neves. Ao Palácio Tiradentes o Acordo chegou a 15 de abril.

Muito menos expedito foi o presidente da República na expedição ao Legislativo de mensagens sobre vários assuntos de interesse nacional, como, por exemplo, o aumento dos vencimentos dos funcionários da União.

SURPRESA

Alguns episódios da luta contra a ratificação do Acordo Militar demonstram que o Itamarati e a Embaixada Americana contavam com uma rápida e tranquila tramitação da matéria pelo Palácio Tiradentes. Tais previsões do Sr. João Neves e do embaixador Johnson não foram confirmadas pelos fatos. Logo nas primeiras sessões começaram a surgir, com surpresa para muitos observadores, sinais de resistência. As sessões das Comissões, por deliberação da Mesa, foram secretas. Embora estivessem na aplicação de um dispositivo repressor, a discussão do Acordo, nas comissões, a portas fechadas, evidentemente, não era para ocultar a olhos e ouvidos profanos algum misterioso temeroso. Tal deliberação da Mesa visava apenas causar impressão e apresentar o Acordo como algo de sagrado e intocável.

Tudo correu bem para o Itamarati e para a Embaixada Americana durante o estudo do Acordo pela Comissão de Diplomacia. O Sr. Alcides Carneiro, sem maiores explicações, desincumbiu-se da tarefa de relatar o que era «vantajoso ao Brasil e necessário à segurança do hemisfério».

A requerimento do Sr. Helió Cabal, entretanto, pediu-se na Comissão de Diplomacia a audiência da Comissão de Constituição e Justiça, onde a matéria foi cair nas mãos de um outro relator de mentalidade idêntica à do Sr. Alcides Carneiro: o Sr. Osvaldo Trigueiro, que julgou o Acordo perfeitamente constitucional. Mas os Srs. Antônio Balbino e Lucio Bittencourt opuseram restrições ao parecer do ex-governador paraibano.

Na Comissão de Segurança o Acordo também foi aprovado.

VIGILÂNCIA

O deputado Lobo Carneiro, que desde a primeira hora se destacou no combate ao Acordo, ainda enquanto ele andava pelas comissões, foi à tribuna do plenário e analisou o documento sob todos os seus aspectos. Requeru ao presidente da Câmara que fossem ouvidas a Comissão de Economia, visto que o Acordo se entrelaçava com assuntos que interessam essencialmente à economia nacional e a de Finanças, em face de exigências quanto à garantia, em moeda brasileira, de despesas relacionadas com o cumprimento de obrigações contraídas no Acordo. O plenário aprovou a audiência das duas comissões.



Centenas dessas comissões de jovens, mulheres, populares estiveram na Câmara, durante a discussão do Acordo, exigindo dos deputados que não fosse ratificado.

Na Comissão de Finanças foi escolhido relator o Sr. Helió Cabal, e o Sr. Alcides Carneiro, reconhecendo a ligação dos imperialistas americanos. Seu parecer foi naturalmente favorável. Mas na Comissão do Sr. Osvaldo Trigueiro e João Agripino opuseram restrições ao ponto de vista do Sr. Macedo.

RESISTÊNCIA

Antes de descer ao plenário, onde o Acordo encontrou mais forte resistência, foi na Comissão de Segurança, ao ser ali reexaminado, a luz de novos documentos. Então mobilizaram-se os mais graduados líderes do entusiismo: o líder da maioria e do PSD, Sr. Gustavo Capanema, o líder da mi-

Os êxitos até agora conseguidos devem estimular a mais ampla mobilização de massas, a fim de que os entreguistas sejam derrotados nos recontros decisivos

ROBERTO MORENA

norista e da UDN, Sr. Afonso Arinos e o vice-líder da maioria e líder do PTB, Sr. Brochado da Rocha. Constituídos em brigada de choque, subiram ao terceiro pavimento do Palácio Tiradentes no cumprimento de missão definida, com o objetivo inofensível de pressionar deputados.

FRACASSO

Ao prestar contas ao comando de sua missão, essa patrulha avançada só pôde ter respondido confessando, o fracasso. Na realidade, apesar da pressão dos três líderes americanos, saíram

divulgação sustentada pelas companhias americanas, pelos senhores do latifúndio e pelos elementos mais reacionários da burguesia nacional, vem sendo obrigada a tratar do Acordo. As omissões e deturpações dos atos não conseguem realizar o milagre de tapar o sol com a peneira. São os jornais, o rádio e os programas de televisão que levam, contra a vontade de seus financiadores, o debate ao seio das massas. Na pior das hipóteses, essa enorme rede de divulgação, através de resumos matados ou de

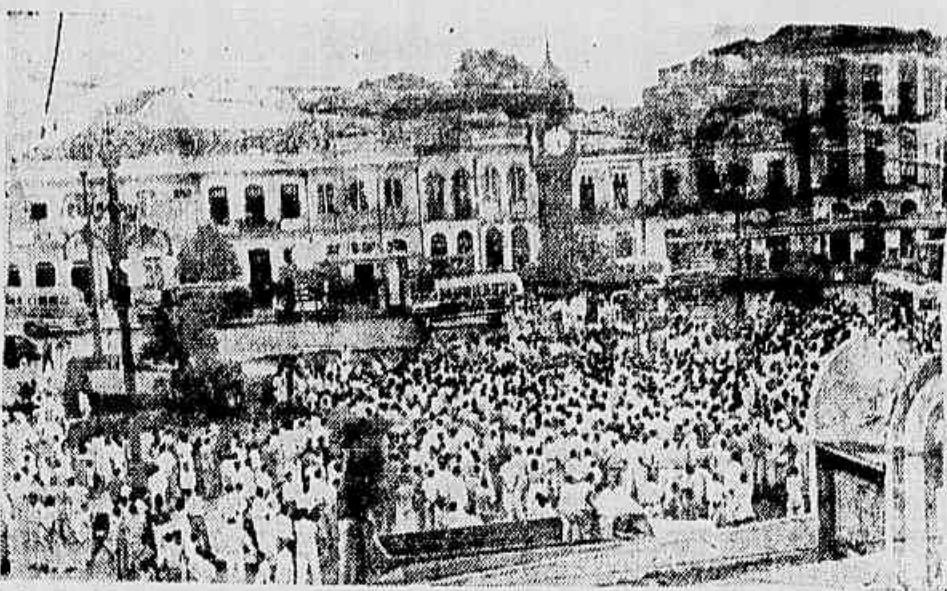
versas bancadas. Fizem-se ecos de protestos populares, vindos de todos os recantos do Brasil. Entre o Itamarati e a Embaixada Americana, de um lado, e do outro lado a defesa da soberania nacional, preferiram na batalha contra o Acordo acompanhar os patriotas, que através milhares de cartas, telegramas, abaixo-assinados, que por meio da visita de dezenas de comissões que subiram as escadarias da Câmara, que por meio de conferências e comícios a céu aberto, de manifestações de toda espécie, no Rio e nos Estados, tomaram a peito a tarefa de derroter o Acordo Militar.

As vitórias até agora conseguidas na batalha contra o Acordo devem-se aos populares que nas últimas sessões de 1932 encheram as galerias do Palácio Tiradentes, antes desertas, e chelias de feia de aranha.

CONTINUA A LUTA

Etapa importante, na luta contra o Acordo, será portanto a manifestação marcada para o próximo dia 15, manifestação que terá um sentido mais amplo de repulsa a toda a política de guerra do governo, demonstração de unidade e de patriotismo de nosso povo, orientada pela Comissão Nacional Contra o Acordo Militar Brasil-Estados Unidos.

A luta popular é que vai decidir a batalha do Parlamento. Este ano ela será mais forte, mais ampla, mais profunda, prometendo êxitos extraordinários na defesa da soberania nacional.



O primeiro comício em praça pública contra o tratado de abjeção nacional: realizado em Belém do Pará

Recomendações do Congresso de Viena Sobre a Independência e a Segurança De Todos os Povos

(CONCLUSÃO DA 1.ª página)

da a conservar ali bases militares. Nenhuma potência estrangeira pode ser autorizada a intervir nos negócios do Japão.

4. É preciso ajustar as relações impostas por qualquer governo estrangeiro ao comércio exterior do Japão, como à edificação pacífica da economia japonesa, e assegurar ao Japão a

liberdade de ter relações comerciais normais com todos os países interessados, na base da igualdade e de vantagens mútuas, afim de melhorar, assim, as condições de vida do povo japonês, que pioram dia a dia.

Este povo, hoje, se encontra, contra sua vontade, cada vez mais arrastado em preparativos militares ace-

lados, tendo em vista, principalmente, o emprego de seus soldados na frente da Coreia, por consequência com atitudes cada dia mais graves à sua independência nacional e um risco de guerra generalizado.

Mas, ao mesmo tempo, a Conferência de Pequim deu um considerável impulso à ação pela paz nessa parte do mundo.

CONTRA O COLONIALISMO

No que concerne aos países coloniais, semi-coloniais e dependentes, a Comissão

são constatou as seguintes pontas do acordo:

1. A política de preparação de guerra, que ameaça arrastar os países coloniais e dependentes num conflito generalizado, já teve como consequência o crescimento da oposição colonialista e o desenvolvimento da intervenção estrangeira, o que constitui a negação do direito dos povos à sua independência e à sua segurança.

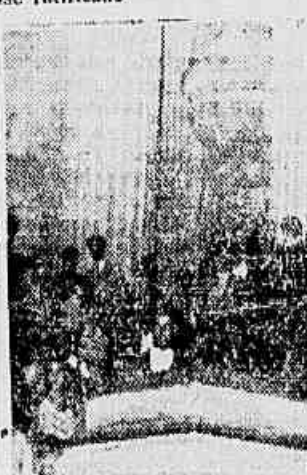
2. Esta política já se traduz pelas guerras impostas aos povos da Coreia, do Viet-Nam, Khmer, do Laos, da Malásia, e pelo recurso à força e à repressão para sufocar as legítimas aspirações nacionais à independência como na Tunísia, em Marrocos, em Kenya, etc. A Comissão não pode deixar de condenar com ve-

hemência tais ações como contrárias aos princípios de independência nacional e aos interesses da paz.

3. Esta política se traduz igualmente por uma pressão sobre numerosos países para lhes impor tratados e pactos coletivos ou bilaterais que comportam a ocupação de bases militares sobre seus territórios, o que arrastará suas riquezas nacionais; pelo aviltamento de sua cultura nacional; pela supressão das liberdades democráticas; pelas discriminações raciais.

A Comissão reafirma solenemente o princípio do direito de todos os povos de serem livres e de serem tratados com igualdade perante a lei, sem nenhuma interferência estrangeira.

Viena, 19 de dezembro de 1932.



Jovens, nas escadarias da Câmara, elevam seus protestos contra o Acordo de traição nacional

simples distorções dos fatos, desperta a consciência das massas para o problema. E então começa a conspirar contra os tubarões dos concordes da imprensa e da radiodifusão a circunstância de que do lado dos que lutam contra o Acordo está a verdade, que facilmente se espalha e penetra na consciência do povo, enquanto do lado dos que pretendem mercenariar o sangue de nossos jovens, nossas riquezas naturais e a soberania nacional, está a mentira, mais pozada que o chumbo, e que sempre submerge.

PROVOCAÇÕES

Vendo que a força de que dispõem tem muito de aparente, e ilusória, surpreendidos ante a pujança do povo organizado que sempre subestimam, devido à sua própria formação anti-democrática, os agentes do Departamento de Estado e do Chate caíram em desespero quando sugeriram as primeiras derrotas sofridas pelo Acordo na Câmara.

Não se pode ter outra interpretação aos atos de desespero, às agitações físicas, a todas as demonstrações de falta de compostura dos principais entreguistas da Câmara e de alguns de seus aliados mais próximos. Nem às atitudes comprometedoras do Sr. Afonso Arinos, que para seguir à risca a política de classe de seu partido, tem que acompanhar o reboque do anfitrião Capanema na marcha forçada pelas veredas do americanismo.

Sinal de desespero, também, foi a verdadeira violência das sessões noturnas, que alcançaram o recorde de 60 e que segundo a expressão tão empregada pelos próprios jornais burgueses raspavam os corais da Câmara, deixando aquela casa do Legislativo em situação de penúria.

OBSERVAÇÕES

Algumas observações merecem registro especial. São três deputados que foram abertamente a defesa do Acordo: Afonso Arinos, Arthur Santos e Alberto Deodato, todos três da UDN, isto é, do partido presidido pelo Sr. Odilon Braga, herói do Estado do Rio de Janeiro, então escandalosamente entreguista que precisou ser substituído pelas simulações do projeto da Petrobrás.

Enquanto isso, os elementos da maioria não subiram à tribuna para defender o Acordo. Evidentemente por dois motivos: visando não aumentar a já tão grande impopularidade dos partidos abertamente governistas, o PSD e o PTB.

Através de comentários de deputados e de notas da imprensa burguesa muito se falou na vitória de um homem contra trezentos. Esse homem teria impedido, sozinho, o encerramento da primeira discussão do Acordo em 1932. Não se pode colocar assim a questão. Há na Câmara um grupo de parlamentares resistindo à ratificação do Acordo. São homens pertencentes a di-

-SE ESTIVERMOS UNIDOS E LUTARMOS



A luta nacional contra o acordo militar cresce de minuto a minuto. Cumpre desenvolver, impetuosamente, a batalha do esclarecimento, mostrando as amplas massas do povo o que significa esse Acordo contra a nossa Pátria.

O Sr. João Neves, da Ultrarás, também Ministro do Exterior, teve o cuidado de dizer, ao assinar o acordo da traição que os comunistas poderiam atacar esse documento infame. Era uma manobra do mundo chanceler para isolar os comunistas na luta contra a traição, no combate a um acordo vergenhoso, que enche de indignação e elide a todo patriota que tome conhecimento dele pois logo compreende os monstruosos resultados que poderá trazer ao Brasil sua ratificação pelo Congresso e posto em execução.

A SUA MANOBRAS NÃO PEGOU

O Sr. Neves enganou-se em sua manobra suja. Patriotas de todas as tendências, generais, congressistas, advogados, cientistas, escritores, jornalistas, jornalistas insuspetos, personalidades em todo o país declararam que esse Acordo era anti-nacional, absurdo, servindo apenas aos interesses dos Estados Unidos, em prejuízo brutal dos interesses do Brasil.

O Acordo, na verdade, é muito claro. Tal é o cinismo dos que servem à traição e aos negócios da guerra. Logo no texto do Acordo lê-se que o Brasil se obriga a cooperar plenamente na tarefa de proporcionar forças armadas às Nações Unidas.

A MÁSCARA DE «NAÇÕES UNIDAS»

Basta dizer que «Nações Unidas» significa, de fato, os Estados Unidos. Recordemos que o Governo dos Estados Unidos, sem consultar antes as Nações Unidas, decidiu por sua conta intervir na Coreia, lançar seus aviões e soldados contra o povo coreano. Depois foi que levou as Nações Unidas a aceitar legalmente o fato consumado, utilizando-se de uma maneira mecânica de votos de países dominados por Washington.

A «OBRIGAÇÃO» DO BRASIL PARA A GUERRA

Vale a pena lembrar a confissão do próprio Truman em sua mensagem ao Congresso americano: Os diplomatas americanos continuam exercendo pressão sobre os demais aliados dos Estados Unidos para que enviem tropas à Coreia. Um jornal insuspeto, como é o «Tribuna de Imprensa» declarou há pouco tempo, «note-se, batendo-se pelo envio de tropas brasileiras à Coreia». O representante do governo brasileiro votou com os americanos na O. N. U., votou pela ação armada na Coreia. Não seria portanto crível volar para que somente OUTROS fossem lutar. E ao falar da reunião houve entre os militares norte-americanos, o general Edgar Amaral, em nome do governo brasileiro, e do almirante Ernesto Araújo, diz o mesmo jornal: «Nessa reunião foram apresentadas as exigências de Mac Arthur ao comandante das forças da Coreia e que consistiam em: 1. — Forças de terra — 2 mil homens; 2. — Forças aéreas: um grupo de aviação; 3. — Forças de mar: dois destróieres. Os americanos se propunham a entrar com os transportes».

E assim por diante, os fatos se desdobram indicando como foi feita uma armadilha contra a nossa juventude a troca de dólares para encher os nossos negociantes de minérios e de algodão e para multiplicar os bilhões de dólares dos empreiteiros e fabricantes de armamentos nos Estados Unidos.

Esse Acordo Militar é a forma, que se tenta fazer legal, da pressão americana sobre o nosso país para obrigá-lo a aceitar a guerra feita a custa do sacrifício de nossas vidas, de nossas riquezas, da nossa soberania.

O QUE CUSTARÁ AS MÃES E ESPOSAS

Pelo Acordo, fica o Brasil obrigado a mandar quantos homens forem precisos para a Coreia. Terão que chorar mães e esposas, noivas, irmãs, a sorte dos jovens trazidos pela guerra terribil que ali se trava. Terão nossas famílias que receber cartas não dos filhos mas do Ministério da Guerra anunciando a morte ou desaparecimento deles. Por sorte, haverá regresso do resto? — mutilados, cegos, mutilados, loucos.

Será isso o resultado do Acordo. Será o negócio feito pelo governo Vargas com os mercadores de guerra.

Lutarão unicamente os banqueiros americanos e alguns tubarões brasileiros que, para enriquecer mais, não recuam em participar da traição que quer obrigá-lo a remessa de nossos jovens para as neves e as montanhas de morte na Coreia.

O QUE ACONTECEU AOS TURCOS

Lembremos o que aconteceu aos turcos. Nos primeiros combates na Coreia, os pobres soldados, lançados na primeira linha, foram engulhidos pelo fogo. Dois terços de uma divisão foram liquidados. Foi uma ceifa terrível.

Aconteceu isso com o teu filho, mãe brasileira, com o teu irmão, jovem, com teu noivo, com teu marido esposa brasileira se foi executado esse Acordo. Porque segundo esse Acordo, milhares de jovens brasileiros serão arrastados ao transporte americano, levados como bois para a sangria contínua e implacável da Coreia.

E por que?

Os coreanos nos ameaçam?

Que assalto a Coreia, quem tanga bombas e deflagra a guerra bacteriológica? São os Estados Unidos.

Por acaso pediu o governo americano algum conselho ao nosso povo ou deu explicações acerca do que mandava fazer na Coreia de que resultou sobre o povo coreano a desgraça da guerra?

Os Estados Unidos assumem única e plena responsabilidade pela chacina, pela destruição, pelos horrores que ali se sucedem. Como é que o Brasil, obrigado por um Acordo infame, trito por negociantes e militares ligados a bancos e empresas de armamentos, aceita e irá participar do crime, como um cumplice, sócio infeliz da empreitada maldita? Isto seria anular a nossa bandeira, enxovalhar nosso passado, lançar sangue e alma sobre nossa história nacional, ao mesmo tempo que amarrar a nós mesmos a uma maior miséria a ruína, a orfanidade, a viturola e, portanto, a maldição infinita.

Cooperar plenamente na tarefa de proporcionar forças armadas às Nações Unidas é o primeiro artigo do Acordo Militar. Basta meditar nesse primeiro artigo para logo compreender a sua monstruosidade. Por isso sempre combatê-lo.

Em nome da juventude, do amor das mães e das esposas devemos unir-nos numa frente única contra o infame Acordo Militar entre o Brasil e os Estados Unidos não passará.



Fito do povo à face dos colonizadores: pixamento contra o Acordo Militar nas paredes da embaixada norte-americana

Levanta-se o Clamor . . .

(CONCLUSÃO DA 1.ª página)

DEP. OSVALDO FONSECA, DO PTB:

«Voto contra a ratificação do Acordo de Assistência Militar Estados Unidos-Brasil, entre outros, pelos seguintes motivos:

- 1.º — Não estou de acordo que o Brasil assumira o compromisso de enviar tropas em missão relevante para a defesa do Hemisfério para fora do território nacional.
- 2.º — Discordo da cláusula que obriga o Brasil a fornecer materiais estratégicos obedecendo a «acordos respectivos» já existentes;
- 3.º — Não me parece justo que o Brasil poupe internamente as obras localizadas em seu território, necessárias à defesa comum do Hemisfério;
- 4.º — Oponho-me a supervisão, em território nacional, por parte de autoridades estrangeiras.

DEPUTADO AUGUSTO MEIRA, DO P. R.

Meus nobres colegas, o tratado cuja aprovação está em causa, seria outro se um sentimento evidente de responsabilidade houvesse presidido aos interesses do Brasil.

Temos, diante de nós, para aprovar ou não, um tratado cheio de algarismos, cheio de subterfúgios, um tratado que, logo pela base fere a Lei Fundamental do Brasil. O acordo diz que teremos de mandar tropas, de fazer despesas com essas tropas, de fornecer materiais estratégicos, de assumir a responsabilidade imensa de uma guerra que não provocamos. Sem distinção teremos de conceder regalias e imunidades, como se fôssemos uma terra de bárbaros.

Seria perfeitamente justo que, sendo atacada uma ação americana, todos os

trancos, de armamentos entregues ao Brasil. (Voto na Comissão de Finanças da Câmara, em 23 de Outubro de 1932).

DEP. CARMELO D'AGOSTINHO, DO P. T. B.:

«Se o Acordo Militar viesse a ser aprovado passariam a ser tangidos por comissões estrangeiras.

Outro objetivo do Acordo com os Estados Unidos é levar-nos à guerra para perigosos nossos soldados. Não seria a libertação econômica do Brasil — mas veremos os campos estrangeiros espargidos de cruzes brasileiras a nós a bater as portas dos lanques. Com este Acordo eles vieram exigir comida para os coreanos. (De uma conferência pronunciada em São Paulo).

povos formassem um só corpo na defesa de nossas plagas.

Mas o projeto, meus nobres colegas, se refere à remessa de tropas para auxiliar a ONU. Traduzido esta palavra ONU, já tive ocasião de dizer, como Omnia Umbra. Tratamos com os Estados Unidos ou com a ONU? Se tratamos com a ONU, onde está a procura desta aos Estados Unidos? Se com os Estados Unidos, para servir à ONU, esta, pode alegar que nada tem a ver conosco, salvo a obediência que nos devemos entender pura e simplesmente com os americanos. Fácil, portanto, é verificar que o documento está cheio de subterfúgios, sem as cláusulas honestas devidas, procurando nos arrastar a uma situação extremamente grave.

pronunciado na Câmara em 4 — 12 — 52).

A Morte de Antonio Vinagre

A cabanagem, que irrompeu no Pará em 1835, foi um movimento popular de mais alta significação social na história brasileira, pela contumaz revolução de suas lutas travadas por massas populares contra as forças reacionárias da Regência, contra os estrangeiros, os ricos e os opressores do então. Os cabanos chegaram a tomar o poder na capital paraense, a instituir um governo popular dirigido por Eduardo Angelim e Antonio Vinagre.

Damos abaixo um trecho de Olívio Rayol, o historiador da Cabanagem, sobre a morte de Vinagre. Rayol, apesar de seu ponto de vista, entra em detalhes, não deixa de ser objetivo na descrição dos acontecimentos.

Nô Arsenal de guerra, além da porta de entrada existia um outro com fortes grades de ferro, que dava passagem para escada por onde se lia-se a segunda pavimento. No salão superior entre estes dois portões, havia um alçapão que abria e fechava por cima: era feito para lançar munições sobre o inimigo, quando este arrombasse o primeiro portão. E invadisse o corredor do edifício. Antonio Vinagre marchando para este ponto, desceu pela rua Nova de Santa Anna, depois de mandar um terço da força avançar pela rua da Indútria. Ao chegar à esquina da travessa das Mercês, foi alto para observar as posições do inimigo e refletir sobre as providências que devia tomar. Notou que a esta tra-

versas e nas proximidades do Arsenal de guerra havia vários pontos fortificados por voluntários e praças de linha. No prédio da esquina da rua das Mercês com a travessa das Mercês, geralmente conhecido entre os praças de Jerônimo do Porto, percebeu sinais de preparativos hostis contra a sua gente; e quando ficou a vista sobre aquele lugar, foi ferido por uma bala que certa-lhe transpassou o crânio. A sua morte instantânea e inesperada derramou o atordoamento das fileiras dos rebeldes em haver quem os pudessem conter na debandada que em seguida se oporreu. Seguindo Vinagre vindo do estado de decoro da gente que fugia, cor-

reu no quartel de artilharia e lá comunicou tudo a Eduardo Angelim. Este foi a toda pressa ao encontro dos fugitivos que procuravam evadir-se da capital. Montado num cavalo que encontrou, seguiu-os a galope, e pôde alcançá-los em caminho para Nazaré depois de breve alucinação conseguiu fazê-los retroceder em socorro dos companheiros que eles pretendiam abandonar no momento de maior perigo, quando mais necessitavam do seu auxílio, conforme lhes ponderou em frases inspiradas pela paixão que o dominava.

O marechal no intuito de fazer evacuar do quartel os rebeldes na fazenda de Itaboca, força resolvida que Eduardo Angelim seria o imediato de Antonio Vinagre no comando em chefe da força, consideraria em qualquer falta ou impedimento que houvesse. E foi por esta razão que ele, tomando o mando supremo dos rebeldes, depois da morte daquele, se empenhou por fazer reunir, retroceder e reagrupar a gente da coluna que se ia dispersando, sem esquecer de proclamar aos valentes defensores das liberdades pátrias: — Desei-

OLÍVIO RAYOL

to que re-bera era a não lhe dava esperança alguma de vida. O marechal mostrou-se solto nos meios de salvá-lo. Não chegou de visitá-lo a cada hora em seu leito de dor, rodeando-o sempre de todos os cuidados de que é capaz um pai extremo. Tudo porém foi debalde; poucas horas depois faleceu, sendo o seu cadáver sepultado no jardim do próprio palácio.

No conselho formado pelos rebeldes na fazenda de Itaboca, força resolvida que Eduardo Angelim seria o imediato de Antonio Vinagre no comando em chefe da força, consideraria em qualquer falta ou impedimento que houvesse. E foi por esta razão que ele, tomando o mando supremo dos rebeldes, depois da morte daquele, se empenhou por fazer reunir, retroceder e reagrupar a gente da coluna que se ia dispersando, sem esquecer de proclamar aos valentes defensores das liberdades pátrias: — Desei-

— Virtuosos paraenses, caros pátrios e irmãos: O nosso ilustre e valente chefe Antonio Pedro Vinagre acaba de morrer, combatido a peito nu os nossos desprezíveis e vis opressores! Terminou o caso nosso corajoso amigo os seus preciosos dias como verdadeiro herói. Encarou a morte denodado e sem dar um passo à retaguarda; caiu de peito sobre a culatra de uma peça, quando fazia postaria e disparava um tiro! Uma hélice varou-lhe o crânio!... Morreu pela pátria e liberdade! E gloriosa a sua morte, e a sua sombra voltará em redol de nós pedindo vingança! — Eu acabo de ser aclamado por nossos companheiros de armas chefe de todas as forças. Juro por Deus vencer ou morrer! Vingamos a morte do bravo guerreiro que foi nosso digno chefe, e a de muitos de nossos valentes companheiros que já dor-

O Festival Tchecov

ANTONIO BULHÕES

ESTEVE realmente bom o espetáculo de três peças — «O Urso», «O pedido de casamento» e «O aniversário» — com que Paschoal Carlos Magno, no Duse, rendeu homenagem ao famoso autor russo. Em primeiro lugar, há de se aplaudir a ideia de encenação, relegado como anda aos grupos inatáveis, que se formam aqui e ali, representando uma ou duas vezes, esquecidos das empresas maiores, embora a delícia e o vigor de seus quadros de estuários. Grande mérito foi, também, dar à vida pela mão de atores jovens, ainda amadores altamente necessários de escola, e que assim vão des- de logo comparando um teatro de valor universal e eterno com as produções alarves de uma certa categoria de teatros decadentes, gastos, corrompidos (entre outros, por exemplo, Nelson Rodrigues) que o tempo esquecerá muito brevemente. E comparando aprendem, pois a verdade salta aos olhos, que só o sadio sentido artístico; a arte do excuso e dos tais instintos primitivos é uma «blague» pouco recomendável deste século vinte, de tanta punição em suas efêmeras realizações.

Detalhando cada peça, vence «O pedido de casamento» aliás a mais difícil. Edson Silva, no papel do velho (Stepan Chubukov), foi excelente em tudo: máscara, vestimenta, andar, inflexões. Dava a impressão de um ator maduro, movimentando-se com segurança. O colorido que imprimiu àquelas cenefas, etc., etc., da compositiva vale como credencial indistigível. Lafayette Galvão (Ivan Iomov) quase nada lhe fica a dever. Conquistou um pouco de afobado à que se compreende, numa criação de tal sorte movimentada, saiu-se magnificamente do

encargo, fazendo um ótimo noivo rancoroso, tímido e ao mesmo tempo ousado na defesa de seus direitos, um noivo que entusiasma. Geny Borges manteve-se à altura do trio: Natália Stepanovna chorava e discutia com a mais absoluta naturalidade, mérito invejável, pois é o que tanto aproxima o teatro do público, identificando-os estreitamente. Já «O aniversário» foi menos feliz. José Leandro (Kusma Quirian) não convenceu: Trejeitos e esgares desconexos não geram nenhum efeito. E o funcionário oprimido, mal humorado, dependia basicamente (da do que permanece sentado a maior parte de tempo) da máscara: esta falhou, contudo, fixando-se nos tipos convencionais que o cinema americano criou, ócos e frios. José Maria Monteiro (Andrei Shipuchin), procurando as inflexões vibrantes e poliformes do presidente feliz consigo mesmo, auto-encomendado, incluiu no folio peccato na monotonia, e quebrou a poliformidade que buscara, repetindo sempre a mesma intonação. Quando o papel exigia uma escapada para outros setores, então, sim, aparecia o ator firme de anteriores oportunidades; cumprido salientar que o erro apontado não se multiplicou uma vez que já se revelou, diversas vezes, diretor de mérito, a quem se achava de dete-

lhe não deveria passar despercebido. As mulheres, nesta peça, levaram a palma. Ambas, estão muito boas: Celine Silva (Tatiana Alexievna) e Consuelo Leandro (Nastasia Marchutkina) souberam viver seus personagens; nada fácil, cada um a seu modo, com grande propriedade, conquistando a platéia. Quanto a «O Urso», esteve fraco, principalmente devido a

Armando Carlos Magno, inconveniente, errôneo falas, atapalhando-se, gestos mecânicos, andar desleixado, rígido, máscara inexpressiva, levando quase toda a primeira metade da peça para afinal adquirir alguma segurança. Antes de abrir-se o pano Paschoal Carlos Magno dirigiu-se aos espectadores, e entre outras palavras, pediu severidade no julgamento de seu sobrinho. Severidade, portanto, aqui a tem (mas lê-la mesmo sem a pedir): os laivos de talento do rapaz nunca produziram sozinho um bom ator. Que estude, se anique e seja humilde; ou desista da via árdua que o ator precisa manter. Ana Eiler (que voz rica e agradável!) brilhou na via chorosa. Elena Ivanova; como também Fernando Cesar, às vezes esquecido, porém, da rouquidão que deveria ter um velho mordomo (Liska) bronquite e reumático. Numa peça de três personagens e um ato, a quebra de harmonia sobressai enormemente; faltando unidade ao conjunto, sofreu todo o espetáculo.

E cede para falar da diretoria. Nina Ransky. O palco oferecia poucas possibilidades, e os cenários positivamente não ajudaram. Certas passagens de mau gosto, porém, — a entrada pela platéia, de um personagem em «O aniversário», as marcações de «O urso», — parecem meritos presunçiosos. Parabéns, mais uma vez, a José Jensen, por suas caracterizações. E a Paschoal Carlos Magno pelo festival, tão oportuno e desejado.

O FRADE pernambucano, no poeta e orador, político e jornalista, foi um suplicado do Primeiro Reinado.

Qualquer que seja o juízo que se possa formar da revolução de 1824 em Pernambuco, e esse juízo não entra no plano deste livro, não oculto a simpatia que me merece o nome de Frei Caneca.

Gosto deste frade usado e inteligente, decidido e entusiasta, que se deixou sacrificar numa revolta mal projetada. Não era um doutrinário, ou um organizador; não era também um conspirador de todos os instantes, não era um Danton nem um Mazzini; era um caráter capaz de sacrifi-

car-se por todo um partido. Depois dos tres retóricos que já vimos, será grato ao leitor avistar-se agora com um homem. Caneca é a mais nitida encarnação do espírito revolucionário do começo do século XIX no Brasil. Existem hoje elementos para conhecê-lo a fundo. Dele restam cartas, poesias, artigos políticos, polemicas, sermões e um interessante itinerário ao Ceará, quando fez o seu exodo revolucionário até os altos sertões daquela província, depois da tomada do Recife em 1824. Era um homem simples, inteligente, decidido e marcado pela liberdade brasileira. Implicado no movimento revolucionário de 1817, foi preso, posto a forros, metido no porão de um navio e enviado para a Bahia, onde jazeu encar-

CANTO PARA JULIUS E ETHEL

WALDEMAR DAS CHAGAS

HA um coração pulsando forte: Um segundo sique, um vôo — Por mais rápido — de pássaro Cortará o caminho, a malha De amor que este coração trabalha.

E isto não é velho nem novo: E' a vida — milhões E um só coração.

Pedra a pedra, lua a lua, Construí a rocha a intocada Rosa da verdade, a rubra Certeza do amanhã.

Dois. São dois na vida, dois, Dois como eu e tu, amor, Dois que nem milhões, Dois e um só coração.

ETHEL, companheira De minha companheira, amiga De minha doce amiga — Julius, companheiro meu, Companheiro nosso — Nuncas nos vimos, ainda Que nos amemos tanto, nunca Felicidade tivemos De nos olharmos de frente o [dizemos: irmão.

Julius e Ethel — aqui Poderia ser João e Maria, Dois e um só coração.

No entanto, aqui estamos — Lado a lado, ombro a ombro — Milhões e um só coração.

Carta de Ghioldi A Graciliano Ramos



GRACILIANO RAMOS recebem a seguinte carta do escritor e dirigente comunista argentino, Rodolfo Ghioldi:

— Querido, muito querido Graciliano Ramos. Recebemos os seis volumes; um verdadeiro tesouro. E' desnecessário manifestar nossa alegria. Tenho acompanhado igualmente as homenagens que te vêm chegando pelo transcurso dos teus 60 anos.

Tens escrito com sangue, com alma e vida, com dizem os argentinos. Não te tens divertido, nem passado o tempo buscando as glorias e os aplausos. Para ti, escrever é um ofício e que ofício! — e que mandato! Já agora não há antologia possível sem Graciliano. Aquele que deseja um banho de suprema prosa prova brasileira, terá que passar pelos capítulos. Todo aquele que aspire a sa-

ber como se enriquece uma língua, terá que recorrer às tuas obras. Alegria muito as homenagens a Graciliano; é a gratidão do povo ao seu escritor. O P. C. B. te saudou, e como não saudar? Tu pertences ao povo, à classe operária, à vanguarda dos trabalhadores; formas no grande exercício de Prestes. Te damos as «vidas secas» com a arma da novela. Tu te bates por uma sociedade onde estas vidas não tenham raízes; uma sociedade de existência como aquelas que viste, arrebatado e feliz, em Moscou e na Georgia. Enches de orgulho ao Brasil e à Argentina, a tóca a América Latina. Tu te orgulhas de tua condição de comunista e o PCB se orgulha de ti. Conheces te com os teus próprios olhos o estado a que foi reduzido o sertão pela barbaque semi-feudal, porém soubeste compreender e sentiste que o PCB é a força criadora capaz de transformação.

Mas nos comove, Graciliano, profundamente o prolongamento da enfermidade que tanto te faz sofrer, e com toda a força do coração desejamos que logo te restabeleças. Temos a esperança de que os teus sofrimentos cedam, e possas concluir os teus trabalhos iniciados.

RODOLFO GUIOLDI

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca

SILVIO ROMERO

car-se por todo um partido. Depois dos tres retóricos que já vimos, será grato ao leitor avistar-se agora com um homem.

Caneca é a mais nitida encarnação do espírito revolucionário do começo do século XIX no Brasil. Existem hoje elementos para conhecê-lo a fundo. Dele restam cartas, poesias, artigos políticos, polemicas, sermões e um interessante itinerário ao Ceará, quando fez o seu exodo revolucionário até os altos sertões daquela província, depois da tomada do Recife em 1824. Era um homem simples, inteligente, decidido e marcado pela liberdade brasileira. Implicado no movimento revolucionário de 1817, foi preso, posto a forros, metido no porão de um navio e enviado para a Bahia, onde jazeu encar-

cerado alguns anos. De volta ao Recife, pouco depois foi o diretor da revolução de 24. Pedro I havia dissolvido a Constituição e oferecido à nação o seu projeto de constituição. Aos desgostos acumulados em Pernambuco, veio juntar-se mais este. Caneca pregou a resistência e daí a luta. Teve, porém, a fraqueza de tomar por chefe o inesperto Pais de Andrade. Cha-

mado pela Camara da capital a dar seu voto sobre o projeto constitucional, o carmelita expressou-se contra ele e seu parecer correu impresso. Desde então, sempre e sempre pregou a resistência. Fundou um jornal político, o «Tifis Pernambucano», que deve ser lido como um repertório de ideias e juízos sobre os acontecimentos e sobre os homens de 1824. Pedro I, os Andrades, Silva Lisboa, o Padre Muniz Tavares, são julgados desapiedosamente, mas com um fundo de justiça admirável. Dos sermões e das poesias de Caneca, restam poucas amostras, que

Conclui na 4ª página

Um Acôrd de Escravização e de Guerra

ÁFRICA ESTÁ SE LIBERTANDO

ATABAQUE está tocando Agôgo está repicando Africa está se libertando Do jugo de seu senhor...

Suor de negro correndo Atravessou o rio Nilo... Da luta de todos os povos Saiu uma só canção...

Atabaque está tocando Agôgo está repicando Africa está se libertando Do jugo de seu senhor...

Do sangue de todas as raças Se fez bandeira vermelha... Da grade de todas as cadeias Se fez ponte para o mundo...

Atabaque está tocando Agôgo está repicando Africa está se libertando Do jugo de seu senhor...

SOLANO TRINDADE 17 de dezembro de 1952

O LIVRO de FUSILICO



ZORA SELJAN BRAGA

SE EU, pobre jornalista, abordar inescrupuladamente na rua, em um trem da Central, na barca da Cantareira, no Estádio da Maracanã, numa igreja qualquer da Bahia, em Manaus, Curitiba ou Porto Alegre, um pacato cidadão brasileiro, desses que vivem para si e para as suas famílias, com odio da política e dos políticos, afastados dos problemas maiores ou menores da vida nacional, e lhe disser, sem aviso, como quem verifica um fato, que o Brasil está ameaçado de escravização e de guerra, ele, certamente, julgará que estou maluco e esboçará um sorrisoinho descrente. Entretanto, se todos tiverem tal atitude, se o sorrisoinho cético for o comentário ao meu aviso, que deveria ser feito aos gritos, em clamor público, não haverá possibilidade de escaparmos, como indivíduos e como povo, à escravização e à guerra. Não adianta querer fugir à evidência, atenuar a dura realidade. Se o povo do Brasil não lutar, com toda a sua bravura, dentro de breves dias estaremos subjugados por um país estrangeiro e muitos filhos desta terra estarão marchando para um campo distante de batalha, para a morte iníqua e sem glória dos que tombam como escravos, defendendo a escravidão.

Esta é a perspectiva que tem de enfrentar o povo brasileiro, num dos mais cruciantes momentos de sua existência: ou reage ou deixa de existir como povo livre.

Então, aquele cavalheiro que ilustrou o aviso do jornalista com um sorrisoinho galato, já não sorrirá. Não sorrirá nem ficará indiferente, vivendo somente para a sua casa, sua família, seu emprego, seu domingo suburbano. Talvez aí o seu próprio filho já esteja na Coreia, comandado por oficiais norte-americanos, ouvindo ordens em inglês degenerado ou comentários imbecis com sotaque de Nova Iorque ou da Pensilvânia. E, quando a morte o colhere, lá longe, nas terras invadidas e saqueadas, nem ao menos terá tombado pela justiça ou pela sua pátria. Morrerá pura e simplesmente por determinação de de um pátrio estrangeiro, que o despreza e humilha,

DIAS DA COSTA

Porque não tenhamos dúvida, se a guerra vier, como virá se contra ela não resistirmos, ninguém estará imune à sua brutalidade. Por isso, temos que dizer, não que desejamos ardentemente a paz e sabemos quais os caminhos para a guerra a todos aqueles que até agora não tomaram conhecimento do assunto.

— OLHE AQUI, velhinho, se você não tomar cuidado, se eu não tomar cuidado, se o seu filho e o meu filho não tomarem cuidado, se nossas mulheres não tomarem cuidado, nós todos vamos virar escravos e teremos de trabalhar e morrer para enriquecer ainda mais uns senhores ricos dos Estados Unidos da América do Norte, cumplices de outros senhores ricos e traidores do Brasil.

Naturalmente teremos de explicar porque pensamos assim e teremos de provar o que afirmamos. E então explicaremos:

— Olhe aqui, velhinho, no dia 15 de março do ano passado, foi noticiada a existência de um Acordo de Assistência Militar, assinado entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos. Bem, um acordo militar entre um país fraco como o Brasil e um país forte como os Estados Unidos, deveria ser feito, naturalmente, para proteger o país fraco, você não acha?

— Claro que acho. — Pois bem, aí é que você se enganou. O Acordo não é para beneficiar o país fraco, é para oferecer todo o lucro ao país forte.

— Não é possível! — Não? Então ouça. Esse acordo é baseado em duas leis internas norte-americanas: a conhecida lei de segurança mútua, de 1951, que prevê o financiamento para a guerra em outros países, desde que isso atenda aos interesses políticos e militares dos Estados Unidos; e a lei de assistência e defesa mútua, de 1949. Por isso, se o acordo entrar em vigor, caberá ao Brasil: proporcionar forças armadas, para a guerra da Coreia ou de qualquer outro

lugar, para «defesa do Hemisfério» e «defesa do mundo livre». Bem, você sabe o que é que apelidaram do Hemisfério Ocidental e Mundo Livre? Não sabe? Pois nós sabemos. Isso tudo quer dizer, no fundo, pura e simplesmente: Estados Unidos da América do Norte.

— E, nesse caso, que mais terá de fazer o Brasil? — Bem, eu vou lhe responder com as palavras de um general, patriota e conhecedor profundo do assunto. Eis o que ele disse:

— «Se este acordo for ratificado, nossa mocidade poderá ser mandada para morrer nos campos de batalha da Coreia e de outras partes do mundo, não em defesa dos interesses nacionais, mas em holocausto a interesses dos Estados Unidos.

Se este Acordo for ratificado, nos as Forças Armadas poderão ser submetidas ao comando do estado-maior norte-americano, nossas bases militares poderão ser ocupadas por soldados norte-americanos e a soberania de nossa Pátria, será, na prática, alienada a um País estrangeiro.

Se este Acordo for ratificado, toda a economia brasileira será deformada no sentido da guerra, diminuirá a produção de gêneros alimentícios e deverá agravar-se terrivelmente a carestia da vida cujas consequências serão ainda mais calamitosas para a vida do povo brasileiro.

Se este acordo for ratificado, nossas riquezas minerais, nossos materiais estratégicos — o petróleo, o ferro, o manganês, as monazíticas, o urânio — serão desfalcados e entregues obrigatoriamente às indústrias de guerra norte-americanas, com grave prejuízo para a nossa economia e o futuro da nação brasileira.

Em poucas palavras, este Acordo significa a maior ameaça já surgida até hoje no sentido de envolver o Brasil na guerra e de aniquilar a soberania nacional em favor de uma potência estrangeira.

MAS, isso é um crime! Será que não há esperança de evitá-lo?

— Claro que há. Até hoje, felizmente, os traidores brasileiros não conseguiram que o Congresso Nacional ratificasse o documento de venda de nossa pátria. Não conseguiram porque foi dado o alarme, porque os patriotas denunciaram o delito. E, se todo o povo do Brasil, unido e consciente, sem discriminações de qualquer espécie, sem vacilações ou titubeios, afirmar por todos os meios ao seu alcance a sua firme e irredutível determinação de paz e o seu vigoroso e indignado repúdio ao acordo vergonhoso, mesmo os vende-pátria, os traidores, os insaciáveis fustadores do lucro ilícito, terão de recuar. Para isso, você terá de deixar de lado o seu pijama domingueiro e se unir aqueles que lhe estiverem mais próximos, para juntos resistir. Eu terei de escrever sem descanço em meu jornal, todos terão que fazer alguma coisa. O operário na sua fábrica e no seu sindicato, o lojista na sua loja, o jogador de futebol no seu clube, os mestres nas suas escolas, os radialistas em seus microfones, as donas de casa nos seus lares, os estudantes nos seus colégios, ninguém deverá se furtar à tarefa que lhe cumpre realizar. Se cada um procura contribuir com a sua parcela de trabalho, por mínima que seja, esse movimento será uma redentora força nacional, onda gigantesca e incontível, a espalhar-se pelos rincões mais distantes, do leste, do oeste, do norte e do sul, nas cidades, nas vilas, nos campos, nas escolas, nas fabricas, nas ruas, apavorando os traidores, obrigando-os a desistir da traição. E só assim os nossos filhos não correrão o perigo de morrer longe de nós, com os ouvidos saturados de comandos com sotaque estrangeiro, para vergonha nossa. Nem a nossa pátria será transformada em seazala, espinhada e humilhada por senhores brutais. Que arrotam a sua empáfia misérrima com batido de usque custoso e falsificado, numa bebedeira permanente de dólares, numa jantanciosa auto-suficiência de safá dissimos concêtes. Ao estilo desmoralizado e carinhoso da contaminadíssima doutrina de Monroe,

O que eu vi em Viena

um documento sensacional

É A PAZ

De JEAN PAUL SARTRE

Muitos de nós foram delegados de grupos, profissões ou organizações. Têm contas a prestar aos seus mandantes. De minha parte, não fui mandado por ninguém, mas na minha qualidade de escritor, me parece, há pessoas diante das quais devo dar o meu testemunho.

Aos que como eu não são membros do Movimento da Paz. Mas que como eu pensam que é preciso tudo fazer para impedir a guerra.

E que, no entanto, não vieram a Viena. E a esses que eu me dirijo mais ainda do que aos meus companheiros do Movimento da Paz, porque a eles é que sempre convencer.

Por que não vieram a Viena? O programa do Movimento da Paz atemorizava-os? Achavam insuficientes as garantias de Joliot-Curie? Não, não.

Mas o rádio e os jornais lhes haviam despertado a desconfiança. Durante meses, eles foram trabalhados; a desconfiança lhes entrava pelos olhos e pelos ouvidos durante todo o dia.

A TÉCNICA DA MISTIFICAÇÃO

E eu pensava: se eles não fossem o que foi o Congresso de Viena eles viriam a nós; mas eles não sabem e se nós não lhes dizemos eles não saberão jamais porque a imprensa os mistifica. O sistema é muito simples: 1) Cada vez que um jornal conservador comenta uma resolução ou uma proposta do Movimento, traduzem a palavra Paz pela palavra guerra, em virtude do seguinte raciocínio: não há outra paz além da que os americanos impõem pela superioridade de suas armas atômicas. 2) Toda proposta destinada a diminuir a corrida armamentista ou a preparar o desarmamento é portanto contra a paz americana. E, assim, uma proposta de guerra.

O Movimento da Paz quer ganhar os espíritos para a Paz. Na linguagem da imprensa reacionária, traduz-se: desmoralizar essas populações para que os exércitos soviéticos nos derrotem mais facilmente. Etc., etc.

3) Cada vez que um jornal conservador comenta uma revolução ou uma proposta do movimento, traduz a palavra oferta, propostas ou compromissos pela palavra manobras; se descreve um congresso ou uma manifestação, afirma que se desenrolaram num cenário previamente preparado, tudo de acordo.

Resulta naturalmente que as manifestações não são jamais nada de novo.

3) Em particular, a imprensa persegue um objetivo preciso: o de isolar o Partido Comunista e a classe operária do resto do país. Ela não pode, portanto, suportar a ideia de que uma aliança possa ser feita em tal ou qual base — por exemplo, a defesa da paz ou das liberdades — entre o proletariado, o Partido Comunista e outras camadas da população.

Quando o Movimento da Paz concebeu esta ideia verdadeiramente nova e que deveria provocar o entusiasmo de todos: reunir em Viena pessoas de todas as opiniões e de todas as tendências, ligadas simplesmente pela sua vontade de Paz, a imprensa conservadora logo adotou uma palavra de ordem:

Declarar que o Congresso de Viena não representava nada de novo em comparação com o Congresso de Varsóvia.

O Congresso de Varsóvia representava uma formação mais estreita: o Movimento da Paz. Esse Movimento, vós o sabeis, compreende comunistas e igualmente não-comunistas. Na época de Varsóvia, a imprensa havia feito uma primeira operação: havia retido o não-comunista e reduzido o Movimento apenas aos comunistas. Depois do que declarou os participantes sob os ordens de Moscou.

Assim, após esta elegante neutralização de vários milhões de homens, restava em Varsóvia simplesmente a delegação soviética.

Agora, desta vez, havia uma manobra ainda a fazer, de vez que um grande número de convidados não pertenciam nem ao Partido Comunista, nem ao Movimento da Paz, era preciso "atomizá-los" os nossos participantes.

Sim, dizem eles. E depois, sobretudo, não vos deixariam falar.

Eis, desgradamente, sua ideia essencial: eu partia para falar de compreensão mútua e eles se recusavam a me acompanhar por que pensavam poder lançar a desordem na assembleia.

Seréis envolvidos, dizem. Far-vos-ão voar textos bem arrumados, não vereis nada, acreditais que se tratam de inocentes, e depois, de repente, compreenderdes que assistestes um papel comprometedor, e será tarde demais.

Em resumo, eles tinham medo. E eis porque se viram pessoas que há anos pregam a ruptura do Pacto Atlântico, a organização econômica da Europa Ocidental, o restabelecimento de relações comerciais com o Leste e a reabilitação do Pacto Franco-Soviético, recusar-se a Viena quando, precisamente, se podia ali encontrar outros europeus e abordar questões com os representantes da U.R.S.S. e dos países do Leste.

Numa palavra, eu partia coberto de recomendações. E vos juro que teria preferido ser delegado de dez mil pessoas de acordo entre si do que ser portador de esperanças e temores contraditórios, de pessoas medrosas que queriam a Paz sem ter ainda compreendido que é preciso

cheguem a Viena. Aquel começou para mim uma experiência extraordinária. Existem três para mim depois que tenho a idade de homem, três que buscam-te dão a esperança. A Frente Popular de 38, a Libertação e o Congresso de Viena.

Desta experiência extraordinária, eu poderia vos falar longamente, mas desejo me limitar a um dos seus aspectos: eu li em Viena esta frase, que um dos nossos ministros pronunciou num banquete de jornalistas: a Verdade deve ser a regra de ouro da imprensa. Ora, no mesmo

crístios (pastores, padres ou apenas fideis). Penso não me enganar dizendo que as propostas devem ser lidas às avessas:

50 por cento do Movimento da Paz, dos quais 20 por cento de comunistas.

50 por cento de convidados de tendências diversas.

E se feticava logo que o falso radical, o radical de aparência, era um verdadeiro radical que conserva os princípios radicais e que se orgulha do seu partido. Que os falsos padres eram verdadeiros padres. E que verdadeiramente todas as pessoas era sua

gem para vir dizer a outros homens. Podia o Congresso lhe recusar a palavra?

Apenas os seus discursos — sempre interessantes — inspiravam ideias ou teorias muito diferentes e como eles recomendavam tudo novamente não se podia encontrar entre eles uma base de acordo.

Após ouvido numa tarde apenas um gaudista, um deputado personista e o escritor soviético Ehrenburg, tinha-se a impressão de que se ia se perder. O que faltava, era a discussão.

Os convidados queriam discutir e tinham pressa.

ma forma, para a maior parte. Mas eles admiraram o tom de sinceridade com o qual ela havia expresso seus escrúpulos e, principalmente, eles se sentiam felizes porque este episódio mostra aos povos que a discussão era perfeitamente livre. Sabéis que vários outros delegados colocaram questões análogas. Isto não causava admiração a ninguém, eu vos asseguro. O congresso sentia-se perfeitamente livre e nunca lhe pareceu que fosse necessário coragem para formular tal ou qual questão neste recinto. As pessoas que falavam,

de entusiasmo? E a vontade reafirmada de prosseguir a luta, esta consciência, por assim dizer mundial, que cada um tomou de suas responsabilidades? E esta esperança de unidade? Não serve a ninguém ter tomado o contato com as delegações soviéticas e chinesas? Serão perfeitamente inúteis os encontros e as discussões intensas entre vietnamitas e franceses? Entre franceses e alemães? Entre chineses e indus? E os trabalhos das comissões? Não dizem nada também sobre as recomendações votadas? Será que elas contam também? Havia

do problema da troca de prisioneiros.

Mas não. Estais errados.

Antes de tudo, cessar o fogo.

Eis onde se exprime o pensamento popular, e quanto se luta, se luta, não se fala. Se quereis falar, cessai antes de lutar.

«Já se fez e o resultado...»

Esta bem — dizem os povos, reconheço.

Os Cinco Grandes falam todos de Paz. Muito bem, levamos nós, à parede, que se comprometam a não resolver jamais os problemas atuais pelas armas.



Na Marcha da Paz, desfilaram velhos, mulheres, crianças, todos unidos no inabalável propósito de preservar a humanidade da catástrofe de uma nova guerra. A palavra — Paz — escrita em várias línguas, adornou os cartazes e flâmulas conduzidas pelos manifestantes.



contra em Viena num Congresso dos Povos. Mas compreendeis: ele havia estado em Varsóvia. Então, é claro...

O radical não é mais radical.

O socialista não é mais socialista.

O arcebispo não é mais arcebispo.

Vedes, portanto, haviam reduzido o Movimento da Paz em Varsóvia a não ser a delegação soviética.

Em Viena, reduziram também os convidados. Encontra-se por toda parte os Soviéticos.

Dou um primeiro testemunho: é que os homens que eu encontrei em Viena podiam ser falsos radicais, mas eram homens verdadeiros, que sabiam o que queriam, homens vivos, jamais homens manobrados.

O MEDO

Bom. Mas apesar de tudo os meus amigos sabiam bem que eu não era escritor filado; e me conheciam. Que me diziam, então

Que eu ficaria sozinho. Que eu não seria livre. Que eu seria envolvido.

Eu vos digo isso porque imaginei a mesma pressão amigável exercida sobre pessoas que poderiam ter vindo.

Eles me diziam: haverá falsos radicais, falsos arcebispos, e depois vós. E que poderás fazer contra todos? Eles farão vós assinar qualquer coisa, e depois, se não assinares, como vós estardes sozinho, não fará senão a unanimidade menos uma voz.

Eu dizia: e as garantias? E eles se punham a rir. Antes de tudo as garantias? Elas são bellissimas, não podem ser cumpridas.

Fala-se em levar em conta todas as opiniões, sem recorrer ao sistema da maioria. E' bellissimo, com a desordem.

E além disso, entre nós, vai vos levantar questões sobre o regime interno da U.R.S.S. e das democracias do Leste?

Eu respondia que não. Que eu não via razão para isso. Há entre nós um certo número de pessoas que imaginam que o único laço que poderíamos ter com U.R.S.S. consistiria em criticar diante dos seus delegados o seu regime interno. Eu confesso que se se procura meios de conciliar os dois grandes regimes econômicos e sociais de hoje, é levantando o princípio de se procurar o que une e não o que separa e de não se intrometer nos regimes dos países.

Sim, dizem eles. E depois, sobretudo, não vos deixariam falar.

Eis, desgradamente, sua ideia essencial: eu partia para falar de compreensão mútua e eles se recusavam a me acompanhar por que pensavam poder lançar a desordem na assembleia.

Seréis envolvidos, dizem. Far-vos-ão voar textos bem arrumados, não vereis nada, acreditais que se tratam de inocentes, e depois, de repente, compreenderdes que assistestes um papel comprometedor, e será tarde demais.

Em resumo, eles tinham medo. E eis porque se viram pessoas que há anos pregam a ruptura do Pacto Atlântico, a organização econômica da Europa Ocidental, o restabelecimento de relações comerciais com o Leste e a reabilitação do Pacto Franco-Soviético, recusar-se a Viena quando, precisamente, se podia ali encontrar outros europeus e abordar questões com os representantes da U.R.S.S. e dos países do Leste.

Numa palavra, eu partia coberto de recomendações. E vos juro que teria preferido ser delegado de dez mil pessoas de acordo entre si do que ser portador de esperanças e temores contraditórios, de pessoas medrosas que queriam a Paz sem ter ainda compreendido que é preciso

momento, eu fazia minuciosamente, e por assim dizer de hora em hora, a experiência das mentiras da imprensa.

Mentiras sistemáticas, absurdas, vergonhosas, tanto mais chocantes que nós viamos todos os dias os rostos daqueles que as fabricavam, os correspondentes.

O NASCIMENTO DA MENTIRA

Talvez me considereis ingenuo: mas eu sei de há muito que esta imprensa mente. Acontece mesmo que se possa ler abertamente a verdade através das mentiras. Mas, mesmo se se indigna, mesmo se se protesta, não se está nos próprios locais, não se assiste, por assim dizer, ao nascimento da mentira. O que chocava era o contraste entre a confiança dos delegados, sua amizade, de que tornarei a falar, uma espécie de juventude que havia em todos esses homens e em todas essas mulheres, a juventude de quando se acredita no que se faz.

Uma palavra sobre Viena, antes de tudo: uma bela cidade morta, de ruas desertas. A imprensa francesa:

«O Congresso se desenrolou no meio da indiferença geral».

A indiferença geral? E essa Marcha da Paz que se realizou no terceiro dia?

Bah! Eram comunistas. Talvez. Mas se os outros não apareceram é que vos esqueceis de dizer — a imprensa vienense, sem uma exceção — sem falar, naturalmente, nos jornais do Partido Comunista — não fez uma alusão ao Congresso.

Vós me compreendeis: havia lá dois mil homens que representavam várias centenas de milhões de outros. Havia dezenas, vintenas de cientistas, homens políticos, artistas que Viena em outros tempos teve orgulho de receber; havia o conjunto mais pitoresco de costumes e de línguas. Nenhuma palavra: nem uma linha sequer em qualquer jornal. O pequeno empregado vienense que lá uma folha social-democrata e que habitava num bairro retirado pôde ignorar completamente a existência do Congresso. Eu vos recordo que a Áustria é um país democrático burguês, ocupado sobre os três quartos do seu território por exércitos das democracias burguesas, e que o princípio mais caro dessas democracias é a liberdade de imprensa.

Mas se o governo e os jornais não ignoravam, o Partido Social Democrata não nos ignorava e enviava a um hotel cartas mimeografadas para nos explicar que eramos ingênuos e para nos dar conselhos. Amais esta luta bem clara e franca: o Partido Social Democrata que esconde nos seus simpatizantes nossa existência e que nos envia subrepticiamente material de propaganda?

De fato, como tinham eles todos os nossos nomes? E os nossos endereços? Isto me recorda de vos dizer que também a polícia não nos esquecia. Ela rondou pelos aposentos dos delegados.

Entretanto, os primeiros correspondentes prestavam contas dos primeiros dias do Congresso. Eis como o correspondente do Le Monde se referia:

1) «Não muitos franceses.

2) Más línguas: 80% de comunistas.

3) Havia anunciado Léger, Vildrac, este. Eles não vieram.

Vede: fizeram desaparecer o convidado de compromisso. Era um ardil de guerra. Aliás, ele não veio. Vede Léger, Vildrac: eles compreenderam, eles próprios.

Sómente isso:

1) Duzentos membros da delegação francesa.

Três comboios.

Setenta membros da delegação soviética. Se se pudesse fazer uma crítica à delegação francesa seria antes a de ser muito numerosa.

2) Haviaamos já aprendido a não conhecer.

Na delegação, discutia-se livremente, e o que surge em seguida é a enorme concordância

mente o laço profundo vontade comum de Paz, isto é sua boa vontade.

3) Quanto a Léger e Vildrac, eis aqui: o correspondente do Monde sentou-se ao meu lado e me cochichou. Entre nós.

(Por que entre nós, se eu era um ingênuo ou um radical. Isto queria dizer entre ingênuos ou entre traidores?)

Entre nós, porque Vildrac não veio? E Léger?

Era na sala de jantar comum. Eu lhe apontava Léger e Vildrac, que almoçavam juntos. Ele pareceu embaraçado. Eu lhe disse: «Bem, certo, vais relatar?»

«Sim, disse. Sim, sim».

A retificação, eu não tenho necessidade de vos dizer que se espera ainda.

Então, eu pergunto: Quem são os ingênuos? Nós, os radicais, os padres, os escritores «de aparência», que, parece, servem amonstras escusas, ou os leitores do Le Monde que têm tranquilamente semelhantes mentiras e que continuam repetindo que o Le Monde é um jornal objetivo?

Mas no relato das primeiras sessões, os franceses foram derrotados pelos ingleses e pelos alemães.

Um jornal inglês relata a abertura do Congresso. Bem sabeis que todo mundo estava lá. Que diziam a ingleses: «M. Joliot-Curie falou diante de cadeiras vazias. Nenhum do ocidente veio a Viena, não havia senão delegados do Leste que preferiam finar nas grandes ruas, olhando as vitrines».

O segundo dia, o chanceler Wirth falou. Eu li, alguns dias mais tarde, num jornal alemão:

«O Chanceler Wirth se lamentou no seu discurso de não poder falar livremente. Era preciso apresentar os Eris princípio, para os tradutores cinco horas antes, torres, de fato, para fossem submetidos à censura soviética».

Desgradamente, eu sei um pouco de alemão e havia escutado o Chanceler Wirth e não a tradução francesa de seu discurso. Ele não fez, é claro, referência à liberdade de imprensa e como teria se lamentado se havia redigido seu discurso antes de chegar ao Congresso? Quanto aos discursos, não sei em relação aos outros, mas o meu remeti uma hora antes do pronunciá-lo e foi preciso traduzi-lo enquanto eu o fazia. Aliás, os tradutores desde o segundo dia procuravam abreviar o tempo de tradução e foi possível entrar os discursos dez minutos antes de serem pronunciados.

DOIS DISCURSOS

Chego ao discurso de Mr. D'Astier e ao de Mme. Piaggio. Era, vós o sabeis, tarde de domingo, a imprensa falou aqui de «golpe teatral», de «surpresa», de «sensação». E já vi não poucas pessoas que me falam com um ar amigável do «trovador sobre Viena» — mesmo pessoas que pensam inteiramente de acordo comigo — simplesmente porque não podem chegar o desconforto completamente dos jornais, que pretendem, eles são muito ingênuos.

Mas eis aqui como as coisas aconteceram. Isto vos mostrará a atmosfera de Viena.

Sim, no começo, a coisa não marchou bem. Mas sabeis por que? Estávamos afofados com a nossa liberdade.

Havia a promessa de que todos os que quizessem falariam.

Vinham pessoas com discursos pronunciados há muito tempo. Eram inscricas: compreenderdes o que de emocional havia nessas pessoas que vinham por vezes do fim do mundo e que faziam algumas sobre a Paz e que haviam feito uma longa viagem para vir dizer a outros homens. Podia o Congresso lhe recusar a palavra?

Apenas os seus discursos — sempre interessantes — inspiravam ideias ou teorias muito diferentes e como eles recomendavam tudo novamente não se podia encontrar entre eles uma base de acordo.

Após ouvido numa tarde apenas um gaudista, um deputado personista e o escritor soviético Ehrenburg, tinha-se a impressão de que se ia se perder. O que faltava, era a discussão.

Os convidados queriam discutir e tinham pressa.

Os comunistas e os dirigentes do movimento queriam a discussão. Têmiam que não viessem nos criticar em seguida do falar como crianças durante oito dias para fazer votar às pressas, no último dia, as moções e resoluções que quizessem.

Então, eis o que se passou: eu conto porque o acusais que eu fosse testemunha de tudo. 1) Farge, no domingo, na hora do almoço, foi ao refatório do Kursalon e consultou um a um todos os chefes de delegação, que lhes disseram a mesma coisa. Ele encontrou Pierre Col, que pensava do mesmo modo. Subiu, seguido de algumas pessoas a um outro refatório, onde encontrou Ehrenburg, que estava dizendo a Chambrun, ao seu lado, que era preciso tentar alguma coisa. No secretariado, encontrou D'Astier, Cananova, o pastor e algumas outras pessoas, todas de acordo em que era preciso tentar virar a rota do vapor. Isto é, pedir aos congressistas, a eles próprios, para temperar a liberdade anárquica com a disciplina. Finalmente, D'Astier se encarregou do trabalho.

Assim, vedes, foi a vontade de todo o Congresso.

Este e Oeste, Ásia, África, Europa e América, que se expressou pela voz de D'Astier. E o resultado de sua intervenção, não foi a surpresa, mas o entusiasmo e uma trovada de aplausos. O Congresso tomou unanimemente e democraticamente uma decisão. E assim que todos nós a sentimos e vos devo dizer, foi a partir desse dia que o Congresso teve inteira confiança nos seus dirigentes e nele mesmo.

E que ele sentiu, desde logo, que constituía um corpo. Escutando D'Astier, o Congresso descobriu de um golpe a realidade de sua vontade comum, ou, se preferis, sua soberania.

E podia-se escrever nos jornais que os congressistas eram manobrados. Mas não era preciso vir diz-lo ao mais cético, ao mais desconfiado de todos. Eu entendo, o congresso eram pessoas de boa vontade convidadas por um grande movimento e que procuravam se entender. Após o congresso, ele era nós; sentíamos nos profundamente e totalmente responsáveis diante do mundo porque havíamos adquirido a certeza de que ele seria exatamente o que nós o fazíamos ser.

A SENSACÃO

Quanto à intervenção de sra. Piaggio, é preciso também se entender. Representante de um movimento católico italiano, ela declarou que não seria nunca contra o Partido Comunista e que seu movimento trabalhava, a maior parte do tempo, de acordo com o Partido Comunista. Mas, acrescentou, há nos jornais conservadores alegações de que nos perturbam e ela formulou algumas questões sobre o regime interior das democracias do Leste, sobre a situação dos religiosos na Ásia e, enfim, quis saber porque a proposta indiana havia sido rejeitada na ONU por Vichinski.

Ora, é necessário fazer as seguintes observações:

1) Para a terceira questão, Ehrenburg disse, a mim mesmo, que a delegação soviética desejava que ela fosse levantada. «Ela, dizia-me, a base de uma discussão sólida». Sabéis que, dois dias mais tarde, chineses e indus a discutiram.

2) Para as outras questões, parece-me ainda hoje que elas não eram para ser discutidas no quadro escolhido para a discussão.

Eu disse por quê.

Mas, quando a sra. Piaggio terminou sua exposição, os delegados aplaudiram-na de pé e longamente. Todos, inclusive os chineses e os soviéticos. Estavam de acordo com ela? De nenhum.

mesmo que tivessem uma opinião diferente da nossa, mesmo se fossem gaudistas, eram nós, sempre nós.

E, sabéis, a famosa cencenação, a «sensação», foi para a nossa imprensa reacionária que se verificou. Foram todos os nossos minúsculos calculadores que receberam o choque; o esturpo foi para eles. Pois terminaram por se prenderem às suas mentiras. Desde logo desamado, um desses jovens astutos, tão manhoso, tão cheio de experiência e que não se deixam contar, terminou por escrever em seu jornal que o Congresso foi «bastante extraordinário».

UM EXEMPLO: «LE MONDE»

Eu teria dito «extraordinário» apenas. Porque o que eu vi em Viena nesta enorme construção de azul não foi apenas um Congresso, foi a Paz. Não fizemos apenas conhecer a nossa vontade de Paz aos nossos governos, nós fizemos a Paz. Realizamos uma experiência única de amizade entre os homens. Vietnamitas e franceses, chineses e americanos puderam se encontrar, falar, sorrir sem traírem seus países, sem esquecer as guerras em curso, nem os sofrimentos dos povos. Se houve esperança em Viena é que nós vimos o que a Paz poderia ser e o que ela não tem sido: uma «acórdia».

Mas, enfim, para o correspondente do Monde, «bastante extraordinário» representa um belo esforço.

Eu não sei se haveis notado, mas a partir daí os artigos sobre Viena se tornaram cada vez mais raros aos jornais. Havia mudado qualquer coisa.

E o Monde, justamente, o Monde de ontem à tarde se apressou a restabelecer as coisas num editorial.

O Congresso de Viena? Está bem! Falou-se muito, sim. Algumas pessoas demonstraram independência: mas finalmente que é que se fez? Voltaram-se as moções soviéticas, tomaram-se resoluções muito vagas e antedecidamente conhecidas.

Eis a pior mentira. Este não liga para os detalhes do fato, é a deformação sistemática do acontecimento inteiro.

1) Porque reduzir o Congresso às moções finais? O acordo não se realizou pouco a pouco e se expressou no erradado dia num frenesi

em nossa delegação membros hostis ao colonialismo e outros que o admitiam, embora reprovando os seus excessos: também não será nada que eles tenham ficado de acordo sobre a necessidade de se pôr fim às guerras coloniais em curso? Este imenso trabalho de assimilação da Paz mundial que foi feito em oito dias e que nos torna hoje mais firmes e mais forte, isto não é nada também?

2) Quanto às resoluções, e verdade que ns poderíamos tê-las assinado no primeiro dia; poderíamos assiná-las na França, antes de partir. Mas o que prova isto? Que elas exprimem o ponto de vista soviético? Não, mas justamente que elas são amplamente humanas e que ninguém pode recusá-las se é de boa vontade. E se é o ponto de vista soviético — no que acredito com «tudo — o ponto de vista melhor, porque isto prova que os Soviéticos querem a verdade da Paz.

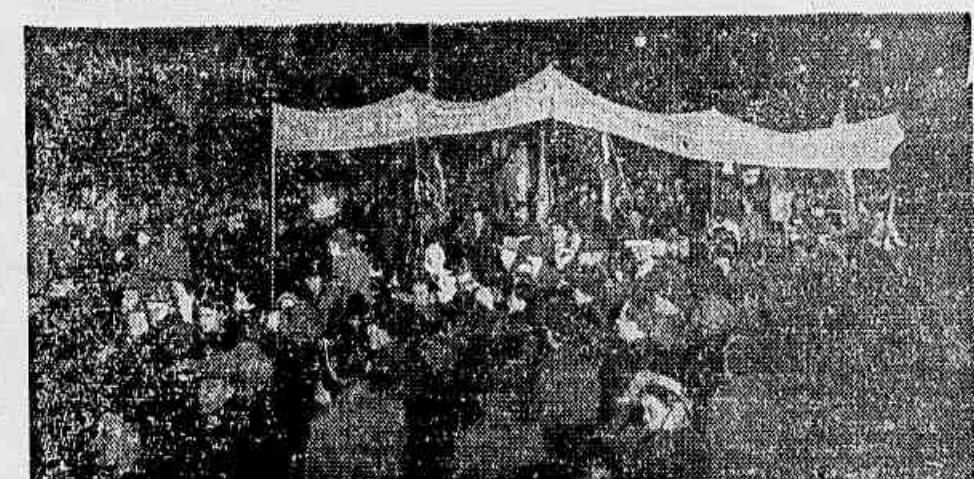
Vós as dizeis vagas? E que não as compreendeis. Acreditais que a precisão é o estudo minucioso dos mapas pelos diplomatas. E nós não recusamos que os diplomatas tratam das questões diplomáticas. Mas se trata aqui de outra coisa, de verdades perfeitamente precisas, mas amplas e simples. Verdades não de técnicos, mas do povo, verdades que nascem da situação real, no pensamento dos que sofrem, verdades que têm uma espécie de simplicidade dos proverbiais.

A «cessação de fogo»? Ah! dizem — tratemos primeiro

UM ACONTECIMENTO HISTÓRICO

De minha parte, eu o tenho dito, não posso fazer outra coisa senão dar o meu testemunho. Eu o faço justamente PORQUE não sou do Movimento da Paz, PORQUE não assinei o Apelo de Estocolmo. Eu o faço POR TODOS AQUELES que estão no meu caso e que não vieram a Viena; testemunho portanto que o Congresso de Viena é e continuará, a despeito das calúnias, um acontecimento HISTÓRICO, do meu testemunho de que representantes de mais de 80 nações se encontraram ali e confrontaram seus pontos de vista, não apenas com toda liberdade, mas com toda amizade. Eu testemunho que eles se separaram com a vontade de prosseguir a sua ação e com a esperança de conduzi-la a bom termo; eu testemunho que a Paz, da qual eu vi o primeiro germe, eu alguma coisa mais do que uma simples ausência de guerra o que poderia ser uma nova honra e um laço entre os homens. J. G. me, nós o vimos em Viena; é a nós e a vós que não estivestes em Viena, mas que estareis no ano próximo em Viena ou em outra qualquer parte, que sempre impedir que ele seja esmagado.

NOTA — Os sub-títulos são da redação.



Um aspecto da Marcha da Paz, que constituiu um dos mais impressionantes espetáculos no Congresso de Viena

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca

(ONCLUSÃO DA 3ª. PAGINA)

podem todo o interesse diante de seus escritos políticos.

A nota predominante de seu temperamento moral era o patriotismo. Inibido das ideias liberais espalhadas no mundo pelos publicistas franceses do fim do século XVIII, o nosso republicano era um homem de boa fé, honesto e sem tergiversações. Ia direito à sua propaganda, levado pelo desinteresse e pelo entusiasmo.

Como revelação de um caráter, este pequeno escrito vale mais do que os quatro volumes de sermões de Mont'Alverne. A liberdade da sua província

no Barata de Filgueiras, de Tristão Araripe, dos republicanos de seu tempo; era o mais sincero e ousado de todos eles. Na da de artifícios literários nos seus escritos; é grosseiro naturalmente por natureza, polêmico; é singelo, também por índole, no «Itinerário ao Ceará».

Como revelação de um caráter, este pequeno escrito vale mais do que os quatro volumes de sermões de Mont'Alverne. A liberdade da sua província

cia ou do Brasil, foi o tormento de Caneca e a sua constante preocupação.

A pátria roubou-lhe todo o coração e a ela dedicou-se o moço frade. Tinha um inimigo inato, perpetuo: era o português, o marinheiro, como sempre escrevia. Sonhava um Brasil autônomo, confederado, republicano, livre para sempre da influência lusitana. Por estas ideias foi fuzilado aos 13 de janeiro de 1825.